

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

VERA REGINA SOUZA DINIZ

ÉTICA PSICANALÍTICA FREUDIANA

São Leopoldo

2017

VERA REGINA SOUZA DINIZ

ÉTICA PSICANALÍTICA FREUDIANA

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientadora: Gisela Streck

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D585e Diniz, Vera Regina Souza  
Ética psicanalítica freudiana / Vera Regina Souza Diniz ;  
orientadora Gisela Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.  
94 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa  
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2017.

1. Ética psicoterápica. 2. Razão. 3. Valores. 4. Freud,  
Sigmund, 1856-1939. I. Streck, Gisela I. W. (Gisela Isolde  
Waechter). II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

VERA REGINA SOUZA DINIZ

ÉTICA PSICANALÍTICA FREUDIANA

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Área de concentração: Ética e Gestão

Data: 30 de maio de 2017

Profª Drª Gisela Isolde Waechter Streck – Faculdades EST

---

Profª Drª Karin Helen Kepler Wondracek

---



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, que sempre me apoiaram (In memoriam).

***"Nascemos com um traço de amor em nossos corações, que se desenvolve na medida em que o espírito se aperfeiçoa e que nos leva a amar o que nos parece belo sem que jamais nos tenha dito o que é. Além disso, o amor e a razão não são opostos, porque o amor e a razão não são mais que a mesma coisa. Quanto maior o espírito, maiores as paixões."***

**Blaise Pascal**

A minha irmã Tânia Castagna, pela dedicação, afeto e por compartilhar meus objetivos e sonhos.

***"A ciência não é uma ilusão, mas seria uma ilusão acreditar que poderemos encontrar noutro lugar o que ela não nos pode dar".***

**Sigmund Freud**

A minha querida amiga, Danita Maia, pelo carinho, disponibilidade e força.

***"O sonho representa a realização de um desejo."***

**Sigmund Freud**

Por último, não menos importante, à coordenadora do curso de mestrado em teologia e minha orientadora Professora Gisela Streck, pela compreensão e suporte perante esse desafio.

***"A felicidade é um problema individual, aqui, nenhum conselho é válido, cada um deve procurar, por si só, tornar-se feliz."***

**Sigmund Freud**



## RESUMO

A presente pesquisa traz à tona um tema bastante explorado, especialmente nos dias atuais. A ética é enriquecida a cada dia e, por isso mesmo, se torna mais discutida, sendo necessário o seu conhecimento. A partir da base filosófica, começando com a razão, seguida pela verdade, continuando pela dialética, chegando à ética e à moral, podemos assim concluir os princípios da ética psicanalítica. Tratando desde a importância de conceitos de cunho psicanalítico, pretendo responder a pergunta central do projeto de pesquisa: Como um guia ético profissional pode contribuir para o desenvolvimento do relacionamento psicanalítico entre analista e analisando? Um único código pode englobar características que sirvam para todos profissionais das diversas Sociedades psicanalíticas?

**Palavras-chave:** razão, valores, ética, Freud, psicanálise, profissional de ética, código.





## ABSTRACT

This research brings to the fore a largely explored theme, especially in current days. Ethics is enriched every day and, specifically for this reason, it is more discussed. Therefore, knowledge of it is necessary. With a philosophical base beginning with reason, followed by truth, continuing through dialectics, arriving at ethics and morale, we can thus conclude the principles of psychoanalytical ethics. Dealing with the importance of concepts of psychoanalytical character, I intend to answer the central question of the research project: How can a professional ethical guide contribute to the development of the psychoanalytical relationship between analyst and the one being analyzed? Can a single code incorporate characteristics which serve for all the professionals of the various psychoanalytical Societies?

**Keywords:** reason, values, ethics, Freud, psychoanalysis, ethics professional, code.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1 DEFINIÇÃO DE CONCEITOS</b> .....	<b>19</b>
1.1 A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E MORAL .....	19
1.2 VALORES .....	27
1.3 INTERAÇÃO ENTRE VALORES, MORAL E ÉTICA .....	28
1.4 O QUE É A RAZÃO? .....	29
1.5 INFLUÊNCIAS DA VONTADE E DO DESEJO NA RAZÃO .....	34
1.6. INTERIORIDADE X DEVER? .....	38
<b>2 FREUD – O DESCOBRIDOR DA ALMA</b> .....	<b>43</b>
2.1 BIOGRAFIA .....	43
2.2 PSICANÁLISE FREUDIANA .....	49
2.3 HISTÓRICO DA PSICANÁLISE DE FREUD .....	51
2.4 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE .....	54
2.4.1 Associação livre .....	55
2.4.2 Contratransferência .....	56
2.4.3 Transferência .....	57
2.4.4 Tratamento psicanalítico .....	60
<b>3 ÉTICA PSICANALÍTICA</b> .....	<b>65</b>
3.1 A ÉTICA NA PSICANÁLISE .....	65
3.2. ÉTICA PSICANALÍTICA .....	67
3.3 CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL .....	72
I – Da Denominação .....	72
II- Dos Objetivos: .....	73
III- Das Atribuições: .....	73
IV – Sigilo profissional: .....	74
V – Das atribuições da ética institucional: .....	75
VI – Da disciplina social, das penalidades e dos recursos: .....	77
VII – Direitos profissionais: .....	78
VIII – Direitos dos pacientes: .....	79

IX- Responsabilidades do psicanalista:.....	79
X – Impedimentos: .....	80
XI- Relações inter-multi-profissionais .....	81
XII – Psicanálise e justiça.....	81
XIII – O psicanalista e outros movimentos .....	82
XIV – Honorário.....	82
XV – Disposições transitórias.....	83
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL.....	83
3.5 PROPOSTAS DE FREUD PARA UM POSSÍVEL ESTATUTO DO PSICANALISTA .....	84
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação vai proporcionar uma exposição sobre alguns termos psicanalíticos e a possibilidade desses serem vinculados a perspectivas diferentes sobre o que é ética, para, assim, tratar sobre o assunto chave: Ética psicanalítica na prática.

Através de um estudo comparativo, fundamentado desde a relação entre ética e moral, comentando sobre o significado de valor e a relevância da relação entre razão, desejo e vontade e interioridade e dever, acredito serem estes passos fundamentais a serem seguidos, para então podermos discorrer com propriedade acerca da ética na psicanálise de Freud. Sou psicanalista clínica formada na Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (*SPOB*), seguidora dos ensinamentos e preceitos de Sigmund Freud, o que influenciou a escolha da temática deste trabalho. Logo, creio ser extremamente relevante também conhecer alguns aspectos da vida do criador da Psicanálise, Freud, bem como alguns fundamentos e conceitos da prática psicanalítica, cunhados por ele.

A psicanálise é uma disciplina científica instituída por Freud no século passado. Como qualquer outra doutrina científica, originou teorias que se derivam de seus dados de observação e que procuram ordenar e explicar os mesmos, com influências da época em que foram divulgados, merecendo ser revisados atualmente. É de suma importância tratar sobre questões relacionadas à teoria psicanalítica e à ética psicanalítica, pois contribuem para a compreensão do funcionamento principal, mental e patológico.

De forma alguma a psicanálise vai constituir-se apenas uma teoria psicopatológica, a prática psicanalítica consiste no tratamento de pessoas que se acham mentalmente enfermas ou perturbadas. Na verdade, as teorias psicanalíticas se referem tanto ao que é normal quanto ao que é anormal. Como qualquer disciplina científica, existem várias hipóteses sobre isto, algumas se relacionando mutuamente, outras totalmente opostas entre si.

Podemos relacionar a questão da ética com a psicanálise a partir de diversas perspectivas. Por exemplo, por ser teoria científica, ela tem que responder a certos critérios e parâmetros (éticos) para ser disseminada e reconhecida, ou

ainda na relação entre analista e paciente. Quando afirmamos ser possível chegar até a ética sem a metafísica, mas não ser possível sem a metafísica manter-nos com plena compreensão dentro da ética, qualquer compreensão axiológica profunda não pode deixar de se remeter a uma metafísica dos valores. Para isso, são possíveis vários caminhos. Podemos considerar os valores em si próprios, ou pensá-los como fundados num absoluto metafísico.

Visto a ampla gama de significados filosóficos, além da grande variedade de teorias de cunho psicanalítico, necessitei estreitar meu foco de pesquisa ainda mais. Li e reli obras bibliográficas, artigos e outras dissertações expostas na internet, assim como utilizei na execução desse trabalho conteúdos e informações absorvidas em aulas e em meu ofício cotidiano. As ideias aqui expostas não são novas, e não significa que são as únicas que tratam sobre a temática por mim escolhida. Foram selecionados para expor os fundamentos norteadores das atividades dos profissionais da psicanálise, principalmente aqueles vinculados à Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil.

Considerando o embasamento filosófico como primordial para a compreensão da ética como fim dos preceitos da dialética, busco compreensão acerca do tema ética psicanalítica, a fim de utilizar o conteúdo aqui reunido em prol de uma prática psicanalítica coerente, segura, eficiente e eficaz.

Assim, escolhi discorrer sobre a ética em si, para então aprofundar a relação deste tema tão importante vinculado à Psicanálise. Almejo proporcionar ao leitor um roteiro composto por adaptações e compilações textuais para a compreensão da ética psicanalítica, contribuindo, então, de maneira positiva, para o desenvolvimento do intelecto e das mentes que buscam aprofundar-se sobre o conteúdo proposto.

Ao entender que a finalidade dos códigos morais é reger a conduta dos membros de uma comunidade, de acordo com os princípios de convivência geral, para garantir a integridade do grupo e o bem-estar dos indivíduos que o constitui, o conceito de pessoa moral se aplica apenas ao sujeito enquanto parte de uma coletividade.

Ética é a disciplina crítica normativa que estuda as normas do comportamento humano, mediante as quais se tende a realizar na prática atos

identificados com o bem. "O caráter de um homem é formado pelas pessoas que escolhe para conviver." <sup>1</sup>

Buscando auxiliar no bom desenvolvimento do vínculo entre paciente e profissional, assim como contribuir com a compreensão dos limites, ou seja, entender até que ponto cada participante pode atuar no decorrer do tratamento, seria útil a existência de um guia ético profissional específico para profissionais praticantes da psicanálise. Atualmente, cada entidade de ensino direcionada à formação de psicanalistas possui o seu próprio código de conduta, no entanto seria de grande utilidade e importância que ocorresse uma revisão e uma compilação dos mesmos, buscando um consenso entre as diversas sociedades psicanalíticas.

A pesquisa será bibliográfica e do tipo exploratória, e o conteúdo e materiais aqui expostos foram obtidos através da leitura e compreensão de obras literárias, artigos de revista e jornais e também dados obtidos através de pesquisas na internet.

Esse material não se constitui em material genuíno, trata-se de uma compilação e adaptação de textos, com os devidos cuidados de citação e parafaseamento e, no caso de transição, os mesmos serão apresentados como tal e entre aspas, como convém à ética.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro deles, cujo título é "definição de conceitos", trato da relação entre ética e moral contemplando os conceitos dos grandes pensadores e filósofos clássicos e contemporâneos. Neste capítulo discorrerei a respeito de temas como razão, valores, desejo e vontade. Ao compreender uma possível correlação entre eles, fica fácil entender como chegamos aos significados atuais de cada um e a influência exercida sobre a interioridade e o dever.

No segundo capítulo, "Freud, o descobridor de almas", por escolher a temática psicanalítica, abordo fatos marcantes da história de vida de Sigmund Freud, por acreditar que estes foram relevantes ao desenvolvimento da teoria psicanalítica ortodoxa sendo a base para tudo que veio depois. Também trato do histórico da psicanálise, dando relevância a termos psicanalíticos como: Transferência, contratransferência, resistência, associação livre de ideias, dentre

---

<sup>1</sup> Frase atribuída a Sigmund, Freud. Wikiquotes -Coletânea de citações livres. Disponível em: <[https://pt.wikiquote.org/wiki/Sigmund\\_Freud](https://pt.wikiquote.org/wiki/Sigmund_Freud)>. Acesso em: 29 julho 2015.



outros, pois acredito que estes são os que mais são relacionados à ética psicanalítica na prática diária.

No terceiro capítulo intitulado “Ética psicanalítica”, apresento como os profissionais podem ser éticos ou não, em relação a seus pacientes, ao detalhar na íntegra o Código de Ética Profissional da SPOB, além de expor perspectivas que podem influenciar de várias formas as escolhas que fazemos, tanto na vida profissional, quanto pessoal.

A temática teológica permeia diversas reflexões presentes nesta dissertação, pois a crença em Deus norteia as relações interpessoais desde os primórdios da humanidade.

No final deste trabalho dissertativo, apresento as conclusões a que cheguei após refletir sobre os temas abordados.

## 1 DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Este capítulo inicia apresentando certos conceitos que são de grande valia para a melhor compreensão da ética psicanalítica, baseando-me nos ensinamentos e escritos de Freud.

Posteriormente, será apresentado um panorama histórico da psicanálise freudiana, em conjunto com um breve histórico de Sigmund Freud. Por vezes, suas definições, hipóteses e conclusões são simplesmente atacadas e/ou renegadas, por não serem entendidas dentro do contexto em que foram pensados e elaborados. Logo, faz-se necessário também falar sobre criador e criatura, ao passo que, conhecendo melhor a trajetória de ambos, torna-se mais fácil compreender o porquê de tantos conceitos ainda serem tão lembrados e debatidos, até os dias atuais.

### 1.1 A relação entre Ética e Moral

Frequentemente, assistimos ao uso ambíguo de palavras que estabelecem uma associação terminológica por sinonímia de "moral e ética", "moralidade e ética", "valores e ética", "valores e norma", "axiologia e ética" e ainda "filosofia moral e ética", que apregoam em vários contextos do cotidiano como se de sinônimos se tratassem, resultando disso, não raras vezes, uma enorme confusão para quem necessita utilizá-las, dificultando, deste modo, a comunicação e a elaboração do pensamento.

Além disso, termos como "ética" e "moral" aplicam-se a pessoas, a sistemas, ou a teorias morais, o que agrava ainda mais o estado de confusão, pois, quando desejamos classificar a natureza da ação humana e de sistemas mais alargados em que os sujeitos se inserem, as pessoas comuns oscilam sempre indistintamente sobre o uso de cada um destes termos. Do que falamos exatamente, quando mencionamos ética e moral?

A ética é essencialmente especulativa. Em "*Éthique*", Ricoeur discorre sobre uma diferenciação entre ética e moral, reservando o "vocábulo da ética para todo o questionamento que antecede a introdução da noção de lei moral e de relacionar à

moral, tudo aquilo dentro da ordem do bem e do mal, das leis, das normas, dos ditames autoritários.”<sup>2</sup>

Em outra obra, "*Soi-même comme un autre*"<sup>3</sup>, Ricoeur aborda o mesmo tema. Ao ler seus trabalhos, pode-se compreender que a moral se refere a um conjunto de normas, valores (bem e mal), princípios de comportamento e costumes específicos de certa sociedade ou cultura. A ética tem por objeto de análise e investigação a natureza dos princípios que subjazem a essas normas, questionando-se acerca de seu sentido, bem como da estrutura das distintas teorias morais e da argumentação usada para dever manter ou não, no seu seio, determinados traços culturais. A moral procura responder à pergunta: "Como devemos de viver?", ao passo que a ética defronta-se com a questão: "Por que devemos viver segundo um determinado modo de viver?".

A finalidade dos códigos morais é reger a conduta dos membros de uma comunidade, conforme os princípios de convivência geral para assim assegurar a integridade do grupo e o bem-estar dos indivíduos que o constituem. Logo, o conceito de pessoa moral aplica-se apenas ao sujeito, enquanto parte de uma coletividade, a ética por sua vez, como disciplina critico-normativa, estuda as normas do comportamento humano, mediante as quais o sujeito tende a realizar na prática atos identificados como bons.<sup>4</sup>

A própria história humana conduz a uma interiorização do dever de cada um, na sociedade em que está inserido. Através da conduta moral da humanidade, ao longo do tempo, revela-se um processo de progressiva interiorização, ou seja, existe uma clara evolução, que vai da aprovação ou reprovação das ações externas e suas consequências, à aprovação ou reprovação das intenções que servem de base para essas ações. Hans Reiner designou "ética da intenção", que já se encontra em alguns preceitos do antigo Egito (cerca de 3000 anos antes da era de Cristo), como, por exemplo, na máxima "Não zombarás dos cegos nem dos anões" e no Antigo

---

<sup>2</sup> Tradução livre, do francês: "[...] *terme d'éthique pour tout Le questionnement qui precede l'introduction d l'idée de loi morale et de désiner par morale tout ce qui dans l'ordre du bien et du mal, se rapporte à des lois, de normes, des impératifs.*" RICOEUR, P. **Étique** disponível em <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/ethique/l-l-intention-ethique/>> Acesso em: 10 de agosto de 2015.

<sup>3</sup> Tradução livre para o português: ("Si mesmo, como um outro"), 1990.

<sup>4</sup> BIBO Rodrigo de Aquino. **Os desafios da ética cristã**. Bibotalk, Joinville /SC 2013. Disponível em <<http://www.teologiahoje.com.br/2016/01/os-desafios-de-uma-etica-crista.html>>. Acesso em: 22 de setembro de 2016.

Testamento, em que dois dos dez mandamentos proíbem que se deseje a propriedade e/ou a mulher do próximo.<sup>5</sup>

Max Weber classifica a ética em dois grupos: A ética da intenção e a ética da responsabilidade.

Todo agir orientado em sentido ético pode oscilar entre duas máximas radicalmente diferentes [...], pode ser orientado segundo a “ética da intenção” ou segundo a “ética da responsabilidade”. Não que a ética da intenção coincida com a falta de responsabilidade, e a ética da responsabilidade coincida com a falta de boas intenções. Claro que não queremos dizer isso, mas há uma diferença intransponível entre o agir segundo a máxima da ética da intenção, a qual – em termos religiosos – soa: “O cristão age como justo e coloca os resultados nas mãos de Deus”, e o agir segundo a máxima da ética da responsabilidade, segundo a qual é preciso responder pelas consequências (previsíveis) das próprias ações<sup>6</sup>

Praticamente todas as culturas elaboraram histórias para justificar as suas condutas morais, como se pode observar nos mitos gregos, nas fábulas de Esopo e nos escritos das culturas religiosas orientais e ocidentais. O mito narrado por Platão, no diálogo com Protágoras, segundo o qual Zeus, para compensar as dificuldades biológicas dos humanos, conferiu-lhes senso ético e capacidade de compreender e aplicar o direito e a justiça. O sacerdote, ao atribuir a moral à origem divina, torna-se seu intérprete e guardião. O vínculo entre moralidade e religião consolidou-se de tal forma que muitos acreditam que não pode haver moral sem religião, e, segundo esse ponto de vista, a ética se confundiria com a teologia moral. A Bíblia Sagrada pode ser tida como um guia orientador dos tipos de comportamentos e condutas aceitos à época, apresentando a ética anexada aos preceitos e dogmas das religiões.

E a Adão disse: Visto que atendeste a voz da tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa, em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. [...] Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. [...] E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma

---

<sup>5</sup> Disponível em <<http://evangelistaelasio.blogspot.com.br/2010/10/etica.html>>. Acesso em: 22 de setembro de 2016.

<sup>6</sup> WEBER, Max. **Política como vocação**, 1919, *apud* GALIMBERTI, 2006, p. 530. Obra disponível em <[www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/09.08.Weber,A\\_politica.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/09.08.Weber,A_politica.pdf)> . Acesso em: 30 de agosto de 2016. Também mencionado no artigo de SANTOS, Robinson dos. Responsabilidade e consequencialismo na ética de Hans Jonas. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 24, n. 35, p. 417-433, jul./dez. 2012.

espada que se resolvia, para guardar o caminho da árvore da vida.<sup>7</sup> (BÍBLIA Sagrada, Gênesis 3-4, a 6)

O trecho bíblico mostra que, quando o sujeito transgredir leis e normas, ele deve ser punido; ao mesmo tempo apresenta que a submissão era considerada como uma virtude.

Cabe a Protágoras romper o vínculo entre a moralidade e a religião, ao pronunciar a frase "O homem é a medida de todas as coisas, das reais enquanto são e das não reais enquanto não são". Para ele, os fundamentos de um sistema ético dispensam os deuses e qualquer força metafísica, estranha ao mundo percebido pelos sentidos.<sup>8</sup> Teria sido outro sofista, Trasímaco de Calcedônia o primeiro a entender o egoísmo como base do comportamento ético.

Trasímaco em seu debate contra Platão em "A República", sobre dizia basicamente, que a justiça se confundia com a vontade dos mais fortes, que a usavam para justificar as suas ações, que, claro, visavam ao bem dos próprios poderosos. Os mais pobres e fracos, quando justos, apenas seguiam os desígnios dos mais abastados, sendo assim, os valores coletivos uma peça pregada para mantê-lo submisso moralmente. Partindo da ideia de que esses valores eram relativos e históricos, já que tanto variavam de uma cultura a outra, chegasse à conclusão de que a ideia de justiça em si não existe. Ou seja, mais fácil seria ao sujeito desobedecer ao valor social da justiça dominante, e, assim, realizar a própria vontade, e não a dos poderosos. Trasímaco fez uma verdadeira ode ao egoísmo moral.<sup>9</sup>. (Do egoísmo)

Sócrates, que alguns consideram fundador da ética, defendeu uma moralidade autônoma, independente da religião e exclusivamente fundada na razão, ou no logos. Atribuiu ao estado um papel fundamental nos valores morais, a ponto de subordinar a ele até mesmo a autoridade dos pais. Já Platão, apoiado na teoria das ideias transcendentais e imutáveis, deu continuidade à ética socrática: a verdadeira virtude provém do saber verdadeiro, do saber das ideias. Platão foi o principal discípulo de Sócrates e se encarregou de apresentar as ideias do seu

---

<sup>7</sup> **BÍBLIA Sagrada** – Letra Gigante. Traduzida para o português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualização no Brasil, 2. Ed., Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. Gênesis 3-4, a 6.

<sup>8</sup> O GUIA da Filosofia. **Revista Superinteressante**. São Paulo: Abril, 2013. P. 15.

<sup>9</sup> Disponível no Blog da juventude pós-moderna: a revolução começa aqui. <[www.blogspot.com.br/2013/06/doegoismo.html](http://www.blogspot.com.br/2013/06/doegoismo.html)>. Acesso em: 07 de março de 2016.

mestre na forma de diálogos.<sup>10</sup> Platão introduziu o Mito da Caverna, no qual faz uma analogia entre uma caverna e o mundo em que vivemos, e as sombras projetadas nas paredes da mesma seria a forma como enxergamos tudo. Para ele, “a alma do homem é imortal e imperecível” e o sujeito seria virtuoso em vida, ao passo que se dedicasse ao verdadeiro saber.

Para Aristóteles, aluno mais ilustre da Escola de Platão, apesar de não concordar com seu mestre em relação ao Mito da Caverna, a causa final de todas as ações era a felicidade. Ele usava o termo “*eudaimonia*”<sup>11</sup> para explicar que felicidade era na verdade uma busca racional para se tornar um ser humano melhor, justo e bom. Em sua ética, os fundamentos da moralidade não se deduzem de um princípio metafísico, mas daquilo que é mais peculiar ao homem: A razão (*logo*) e a atuação (*enérgeia*), os dois pontos da ética aristotélica. Portanto, só será feliz o homem cujas ações sejam sempre pautadas pela virtude, que podem ser adquiridas pela educação, sendo que para o filósofo “a felicidade é uma atividade da alma”, algo que só os humanos podem buscar.<sup>12</sup>

A diversidade dos sistemas éticos propostos ao longo dos séculos se compara à diversidade dos ideais. Assim, a ética de Epicuro inaugurou o hedonismo, pelo qual a felicidade encontra-se no prazer moderado, no equilíbrio racional entre as paixões e sua satisfação.

A felicidade é alcançada por meio do controle dos medos e dos desejos, de maneira que seja possível chegar à ataraxia, a qual representa um estado de prazer estável e equilibrado e, conseqüentemente, a um estado de tranquilidade e ausência de perturbações, pois, conforme Epicuro há prazeres maus e violentos, decorrentes do vício, provocando somente insatisfação e dor.<sup>13</sup> (A ética de Epicuro)

Observa-se que as éticas cristãs situam os bens e os fins em Deus e identificam novamente moral com religião.

<sup>10</sup> **Revista Superinteressante:** O guia da Filosofia. São Paulo: Abril, 2013. P. 20.

<sup>11</sup> “Bem supremo” ou (do grego antigo: *εὐδαιμονία*) é um termo que literalmente significa 'o estado de ser habitado por um bom *daemon*, um bom gênio', e, em geral, é traduzido como felicidade ou bem-estar. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Eudaimonia>>. Acesso em 30 de agosto de 2016.

<sup>12</sup> Aristóteles. **Metafísica** – Livros I e II - Ética a Nicomâco – Poética. Obras disponíveis em <<http://pensamentosnomadas.com/obra-completa-de-aristoteles-em-10874>>. Acesso em março de 2016.

<sup>13</sup> **A ética de Epicuro.** Disponível em <[www.brasilescola.uol.com.br/filosofia/a-etica-epicuro.html](http://www.brasilescola.uol.com.br/filosofia/a-etica-epicuro.html)>. Acesso em: 07 março 2016.

Jeremy Bentham, seguido por John Stuart Mill, pregou o princípio do eudemonismo clássico para a coletividade inteira.

Já Bergson estabeleceu a distinção entre moral fechada e moral aberta: A primeira, conservadora, baseava-se no hábito e na repetição, enquanto a outra se fundava na emoção, no instinto e no entusiasmo próprio dos profetas, santos e inovadores.<sup>14</sup>

Em contraponto, Nietzsche criou uma ética dos valores, que inverteu o pensamento tradicional. O experimentalismo revolucionário do filósofo queria superar o moralismo, ao questionar a crença em Deus, as bases dos valores e a nossa própria forma de raciocinar amparada na dicotomia entre o bem e o mal, ou certo ou errado. Ele classificou os valores como “Humanos demasiado humanos” (nome de uma de suas obras). Para Nietzsche, Deus está morto<sup>15</sup>, mas com isso ele não queria dizer que a entidade divina tinha deixado de existir, e sim questionar se ainda era razoável ter fé em Deus e basear nossas atitudes nisso. Recusando Deus, podemos nos livrar também de valores que nos são impostos. O próprio Nietzsche, por fim, se definia como um “imoralista”, por entender que o correto seria superar a moral nascida da religião.<sup>16</sup>

No século XVII, René Descartes propôs uma teoria na qual levantava a hipótese da humanidade estar sob a influência de uma entidade maligna enganadora, a qual a faz questionar todas as coisas, inclusive a si mesma.<sup>17</sup> O ser humano, então, só pode confiar na sua capacidade de pensar racionalmente. Ou será que não?

Até o século XVIII, com Kant, todos os filósofos, salvo até certo ponto Platão, aceitavam que o objetivo da ética era ditar leis de conduta. Kant viu o problema por novo ângulo e afirmou que a realidade do conhecido prático "comportamento moral" está na ideia, na regra para a experiência, no "dever ser". A vontade moral é vontade de fins enquanto fins, fins absolutos. O ideal ético é um imperativo categórico,

---

<sup>14</sup> MEDEIROS, Alexsandro. **Henri Bergson: Moral fechada e moral aberta**. Disponível em <<http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/henri-bergson-moral-fechada-e-moral-aberta>>. Acesso em: 22 set. 2016.

<sup>15</sup> “*Got is tot*”, em alemão, frase de Nietzsche, F. (1844-1900), aparece pela primeira vez na obra “A Gaia ciência”, na sessão 108 (Novas lutas). A obra que eternalizou-a foi **Assim falava Zaratustra**.

<sup>16</sup> **Revista Superinteressante**: O guia da Filosofia: São Paulo: Abril, 2013. P. 51.

<sup>17</sup> BAGGINI, J. **O porco filósofo** – 100 experiências de pensamento para a vida cotidiana, Relume Dumará, 2006. P. 16 e 17.

ordenação para um fim absoluto sem condição alguma. A moralidade reside na máxima da ação e seu fundamento é a autonomia da vontade.<sup>18</sup>

Kant acreditava que uma ação é moral quando esta serve para todo mundo, isto é, não podemos recorrer a desculpas, circunstâncias ou motivos nobres para justificar um ato moralmente errado. Kant dizia que mentir é sempre errado, mesmo que a mentira seja para salvar a vida de alguém.<sup>19</sup> (Revista Superinteressante: O guia da Filosofia. P. 47)

É válido questionar que tipo de relação existe entre ética e moral? Apesar de estes conceitos serem considerados distintos, percebe-se uma estreita articulação entre ambos. Se por um lado a ética considera como objeto de estudo a própria moral, também é possível por outro ser vistas como sendo independentes entre si, mantendo uma relação de complementariedade.

Tanto a ética implica a moral, enquanto a matéria prima das reflexões e sem a qual não existiria como a moral implicar a ética para se “repensar”, desenhando-se, assim, entre elas uma importante relação de circularidade ascendente e de complementaridade. Essa relação é necessária para permitir o questionamento, por parte do ser humano, de dogmas e valores persistentes ao longo dos séculos. A valorização do conhecimento pensado, como condição necessária ao modo de agir e de viver moral, é, simultaneamente, um pressuposto desse mesmo agir e pensar, afastando, assim, a ideia de que a moral ou a ética pertencem exclusivamente ao domínio da intuição e da emoção e não do conhecimento e da razão. Contudo, um equilíbrio entre ambas é absolutamente fundamental.<sup>20</sup>

O filósofo Hegel distinguiu a moralidade subjetiva da moralidade objetiva ou eticidade. A primeira ele classificou como consciência do dever e que se revela no plano da intenção. A segunda surge nas normas, leis e costumes da sociedade, culminando no Estado. “O homem nem sempre pode o que quer, assim como nem quer sempre o que pode. Ademais, sua vontade e seu poder não concordam com seu saber. Quase sempre as circunstâncias externas determinam a sua sorte.”<sup>21</sup>

<sup>18</sup> SIQUEIRA, Flávia P. Dias. **O princípio supremo da moralidade no pensamento de I. Kant.** Disponível em <<https://jus.com.br/artigos/29995/o-principio-supremo-da-moralidade-no-pensamento-de-immanuel-kant>>. Acesso em 24 set. 2016.

<sup>19</sup> **Revista Superinteressante:** O guia da Filosofia. São Paulo: Abril, 2013. P. 47.

<sup>20</sup> Kriterion, PEDRO, A.P. **Ética, moral, axiologia e valores:** Confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. Belo horizonte, número 130, dez. 2014. P. 483-498.

<sup>21</sup> D'HONT, J. **Hegel, filósofo de La história viviente.** Buenos Aires: Amorrortu, 1966, p25. Disponível em: <[WWW.bioetica.ufrgs.br](http://WWW.bioetica.ufrgs.br)> . Acesso em: 10 de março 2016.



Vários pensadores trataram da temática da moral e da ética, influenciados por questões suscitadas pelo tempo e pela cultura em que estavam inseridos (por exemplo: viver em um país sob o comando de um governo ditatorial). Dentre as diversas obras sobre ética elaboradas, uma das que mais chama a atenção é a "*Minima Moralia*" do pensador Thomas Adorno. Nela, ele chama atenção para a perspectiva de que hoje a ética foi reduzida a algo de privado. O autor coloca questões como: "O nosso mundo individualista não estaria acabando exatamente com a individualidade, estrutura básica de um agir moral?"<sup>22</sup> O ser humano dos séculos XX e XXI percebe-se como ator principal de sua história de vida, não mais um mero coadjuvante guiado por forças externas.

A questão atual é principalmente saber se, mesmo sabendo isto, os homens de hoje ainda se sentem em condições de agir individualmente, isto é, agir moralmente. A massificação, a indústria cultural, a ditadura dos meios de comunicação e mesmo as ditaduras políticas são fenômenos que têm de ser analisados também nesta perspectiva, para sabermos até que ponto o homem de hoje ainda pode escolher entre o bem e o mal.<sup>23</sup>

O estado ou um agente regulador podem exigir e obrigar o ser humano a atuar segundo as regras e leis de determinado código ético, sob pena de sofrer punições e restrições caso não o faça. Entretanto, se o indivíduo não estiver disposto, ou então apto a segui-lo, ou ainda que ele "escolha" não ir de acordo com aquilo pré-determinado pelas normas, como proceder? Obrigá-lo? Como provar que este sujeito está em exercício pleno das suas funções mentais e psíquicas para tamanha tarefa? Com base em que os códigos devem ser redigidos? Quem vai vigiar os vigilantes?<sup>24</sup>

Inúmeros questionamentos surgiram em função da necessidade ou não de agentes reguladores do comportamento ao longo do tempo. Percebeu-se também que cada cultura possui critérios diferentes quanto ao que é válido ou não. Então é pertinente questionar inicialmente: Onde e quais são os valores? Qual a possível relação entre valores, moral e ética?

---

<sup>22</sup> VALLS, 1994. P. 69-70.

<sup>23</sup> VALLS, 1994. P. 69-70.

<sup>24</sup> Referência ao filme "*Watchmen*" (2009), "*Who watches the watchmen?*" ("Quem vigia os vigilantes?")

## 1.2 Valores

Em que consiste essa relação e como determiná-la? Ao existir valor apenas através da medida subjetiva de um indivíduo, dito pela natureza do objeto pode acontecer que o sujeito faça opções errôneas, por exemplo, alguns sujeitos poderão transformar a droga num valor para si, e considerar que, quanto mais um homem beber bebidas alcoólicas, mais másculo ele se tornará.

Quando tal acontece, porque acontece em termos valorativos? O que determina a escolha do bem em si? “Por que é que umas *coisas* valem mais do que outras [...] Possuem um valor elevado? Como se estabelece o valor de uma coisa e por que se pode afirmar que ela vale tanto ou tanto?”<sup>25</sup> “Não são apenas os costumes que variam, mas também os valores que os acompanham, as próprias normas concretas, os próprios ideais, a própria sabedoria, de um povo a outro.”<sup>26</sup>

Os valores constituem, assim, uma resposta natural às necessidades sentidas pelo sujeito, e ali está a sua importância e contribuição para transformação da realidade. Daí o papel crucial que a educação pode representar no entrelaçar dos seus objetivos como ganhos de consciência reflexiva e práxis dos valores com vistas à realização do sujeito, de acordo com suas preferências. Consequentemente, os valores não são entidades autônomas existentes entre si, como Platão pretendia, mas entes qualidades de natureza preferencial, passíveis de serem apreciadas por um sujeito, ou seja, uma coisa é o bem que existe por si mesmo independentemente de toda e qualquer apreciação subjetiva; outra, o tipo de apreciação valorativa que lhe é atribuída.<sup>27</sup>

Podemos então, atribuir definições, em relação a cada uma das duas formas: Ou a partir dos valores, ou a partir do próprio ser humano. No primeiro caso, surge, antes de tudo, a seguinte pergunta: Se há valores, o que é preciso que haja da parte do sujeito? Ou melhor, o que exigem os valores por parte dele? O que se pressupõe no sujeito, para poderem ser realizados? No segundo caso, se quisermos a mesma relação, pela perspectiva do ser humano, a pergunta será: O que significam valores para uma pessoa e para a vida humana? Em outras palavras: O que os valores dão ao ser?

---

<sup>25</sup> FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Edições 70, 1998. P.237.

<sup>26</sup> VALLS, A. LM. **O que é ética?** Coleção primeiros passos, número 177. Brasília: Brasiliense, 1994. P. 13.

<sup>27</sup> PEDRO, 2014.

A primeira pergunta só poderá ser respondida após compreendermos a essência do ser humano. Seus valores só podem ser valores para alguém, segue-se que só poderá haver valores espirituais se houver seres espirituais. A primeira condição para a existência dos valores do espírito é, portanto haver espírito, uma espiritualidade do ser humano.

Porém, essa condição necessária não é ainda suficiente. Há, entre os valores, alguns que não pressupõem apenas essências e seres espirituais, mas também seres dotados de liberdade. Estes são os valores éticos. Por outras palavras, temos de aceitar como condição *sine qua non* do ser dos valores, não só a espiritualidade, como a liberdade.<sup>28</sup>

No que se refere à segunda pergunta, é o próprio sujeito que dá sentido e valor a sua existência. No entanto, é preciso provar o sentido dessa resposta, não apenas com relação ao indivíduo como com relação à comunidade, na parte da vida espiritual que por meio dessa se realiza. Isto exige tratar do sentido geral da vida humana, como também do sentido da cultura em especial.<sup>29</sup>

Existirá o espírito? Somos seres espiritualizados? Podemos afirmar que as crenças totalmente materialistas são sobrepujadas pelas crenças na espiritualidade e na religiosidade. O espírito é, pois, uma realidade do consenso unânime de todos os filósofos contemporâneos. Porém, aquilo em que nem todos se acham de acordo é na determinação, não do ser espírito (*dasein*), mas o seu "modo de ser" (*sosein*), isto é, da sua essência metafísica. Ora, este aspecto da questão não é menos importante que o primeiro. Quem negar ao espírito a sua autonomia ôntica (ente) e pretender fazê-lo derivar de outras camadas intrajacentes do ser, considerando-o mera emanção da esfera dos impulsos vitais, terá negado com isso também a sua existência.<sup>30</sup> Este é o ponto de vista em que se coloca o naturalismo, como, por exemplo, observa-se na doutrina de Sigmund Freud.

### 1.3 Interação entre valores, moral e ética

Agora se coloca a pergunta: Qual a afinidade entre valores, moral e ética? Inevitavelmente fazemos o uso de significados subjetivos ao conceito de valores,

---

<sup>28</sup> HESSEN J. **Filosofia dos valores**. Coimbra: Almedina, 1974. P.180.

<sup>29</sup> HESSEN, 1974. P. 181 e 182.

<sup>30</sup> HESSEN, 1974. P. 182.

muito embora sob perspectivas diferentes, uma, de natureza mais prática (moral) e outra, de pendor mais reflexivo e interrogativo (ética). Por outro lado, o valor cuja origem etimológica deriva do latim “*valere*”, surge como uma conotação distinta dos vocábulos, na medida em que remete para ideia daquilo que vale (ou do merecimento), de robustez, força e poder de um objeto (bem) que se impõe primordialmente a consciência do sujeito.<sup>31</sup>

Assim, da relação tridimensional valores, moral e ética, podemos aduzir valores morais e valores éticos; todavia nem a moral e nem a ética reduzem obviamente a sua esfera de pensamento e de ação somente a este tipo de valores, dado que o mundo dos valores é imenso e infinito. Por isso, nunca é demais assinalar outra confusão que habitualmente ocorre ao identificar valores somente com valores morais, esquecendo a panóplia imensa de tipos de valores existentes, tais como valores políticos, éticos, morais, estéticos, vitais, espirituais, econômicos e religiosos.<sup>32</sup>

Entendendo essa correlação, pode-se adentrar com mais segurança no tema da ética psicanalítica, visto que para discorrer sobre o mesmo, foi necessário aprofundar-se no significado amplo que possuem os termos “valores éticos e morais”. “Ser gente significa ser o ente que está face a face”.<sup>33</sup> Mas ainda se faz necessário perguntar: o que é a razão?

#### 1.4 O que é a razão?

A razão é tão antiga quanto a filosofia, ambas despertando entre si uma espécie de dualidade, onde ao mesmo tempo a razão é digna de confiança e também indigna da mesma. No cotidiano, usa-se esse termo que exprime racionalidade como detentor de muitos sentidos. Por exemplo, “eu estou com a razão”, ou “ele não tem razão” significa que nos sentimos seguros de alguma coisa ou que sabemos com certeza de algo. Também dissemos que, em um momento de fúria ou de desespero, “alguém perde a razão”, como se a razão fosse alguma coisa que se pode ter ou não ter, possuir e perder, ou recuperar, como a frase: “Agora está lúcida, recuperou a razão”. Falamos também frases como: “Se você me disser

---

<sup>31</sup> PEDRO, 2014.

<sup>32</sup> PEDRO, 2014.

<sup>33</sup> BUBER, Martin. **Encontros**: fragmentos autobiográficos. São Paulo: Nova cultura, 1991. P.60.

suas razões, sou capaz de fazer o que me pede", queremos dizer com isso que almejamos ouvir os motivos que alguém tem para querer ou fazer alguma coisa. E ao questionar "qual a razão disso?"; queremos saber qual a causa de alguma coisa e, nesse caso, a razão parece ser alguma prioridade que as próprias coisas teriam, já que teriam uma causa.

Assim, usamos "razão" para nos referirmos a "motivos" de alguém e também para designar as "causas" de alguma coisa, de modo que tanto nós quanto as coisas parecem dotados de "razão", mas em sentidos diferentes. Esses poucos exemplos já nos mostram quantos sentidos diferentes a palavra razão possui: Certeza, motivo, causa. E todos esses sentidos encontram-se presentes na filosofia. Por identificar a razão e a certeza, a filosofia afirma que a verdade é racional. Por identificar razão e lucidez (não ficar ou não estar louco), a filosofia chama a nossa razão de luz e luz natural. Por identificar a razão e motivo, por considerar que sempre agimos e falamos movidos por motivos, a filosofia afirma que somos seres racionais e que nossa vontade é racional.<sup>34</sup>

É muito conhecida a célebre frase de Pascal, filósofo francês do século XVII: "o coração tem razões que a razão desconhece". Pascal, ao falar sobre o coração na sentença, refere-se a um tipo peculiar de inteligência.<sup>35</sup> O coração está na fonte dos conhecimentos humanos de maior valor, conhecimentos que a razão não pode compreender nem justificar: As verdades da moral, da religião e da filosofia. À razão pertencem os conhecimentos classificados como científicos. As palavras "razões" e "razão" não possuem o mesmo significado, indicam coisas diversas. Razões são os motivos do coração, enquanto razão é algo diferente de coração: Este é o nome que damos para as emoções e paixões, enquanto "razão" é o nome que damos à consciência intelectual e moral. Ao dizer que o coração tem suas próprias razões, Pascal está afirmando que as emoções, os sentimentos ou as paixões são causas de boa parte do que fazemos, dizemos, queremos e pensamos. Ao dizer que a razão desconhece "as razões do coração", Pascal está afirmando que a consciência intelectual e moral são diferentes das paixões e dos sentimentos, que ela é capaz de uma atividade própria não motivada e causada pelas emoções, mas possuindo os seus motivos ou suas próprias razões. Assim, a frase de Pascal pode ser traduzida

---

<sup>34</sup> CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. P. 68-76

<sup>35</sup> Disponível em <[http://www.hottopos.com.br/vidlib2/blaise\\_pascal2.htm](http://www.hottopos.com.br/vidlib2/blaise_pascal2.htm)>. Acesso em: 30 de agosto de 2016.

da seguinte maneira: Nossa vida emocional tem causas e motivos (razões do coração), que são as paixões, ou os sentimentos, e é diferente da nossa atividade consciente, seja como atividade intelectual, seja como atividade moral. A consciência é a razão. Coração e razão, paixão e consciência intelectual ou moral são diferentes. Se alguém "perde a razão" é porque está sendo arrastado pelas "razões do coração". Se alguém "recupera a razão" é porque o conhecimento intelectual e a consciência moral se tornaram mais fortes do que as paixões. A razão, enquanto consciência moral, é a vontade racional livre que não se deixa dominar pelos impulsos racionais, mas realiza as ações morais como atos de virtude e de dever ditados pela inteligência e pelo intelecto.<sup>36</sup>

Na cultura ocidental, o termo razão se origina de duas fontes: Da palavra latina "*ratio*" e a palavra grega "*logos*". Os dois são vocábulos substantivos derivados de dois verbos que têm significado similar em latim e em grego. "*Logos*" vem do verbo "*legein*", que quer dizer contar, reunir, juntar, calcular. "*Ratio*" que vem do verbo "*reor*", que significa contar, reunir, medir, juntar, separar, calcular. Por isso, "*logos*" e "*ratio*" ou razão significam pensar e falar ordenadamente, com medida e proporção, com clareza e de modo compreensível para os outros.<sup>37</sup>

A razão é uma maneira de organizar a realidade pela qual esta se torna compreensível. Desde o começo da filosofia, a origem da palavra razão fez com que ela fosse considerada oposta a quatro outras atitudes mentais:

1. Conhecimento ilusório, ou seja, o conhecimento da mera aparência das coisas que não alcança a realidade ou a verdade delas; para a razão, a ilusão provém de nossos costumes, de nossos preconceitos, da aceitação imediata das coisas tais como aparecem e tais como parecem ser. As ilusões criam as opiniões que variam de pessoa para pessoa e de sociedade para sociedade. A razão se opõe à mera opinião.

2. Emoções, aos sentimentos, às paixões, que são cegas, caóticas, contrárias umas às outras. A razão é vista como atividade ou ação (intelectual e da vontade) oposta à paixão ou à passividade emocional.

3. Crença religiosa, pois, nesta, a verdade nos é dada pela fé, numa revelação divina não dependendo do trabalho de conhecimento realizado pela nossa inteligência ou pelo nosso intelecto. A razão é oposta à revelação e por isso os

---

<sup>36</sup> CHAUI, 2000. P.68-76.

<sup>37</sup> CHAUI, 2000. P. 68-76

filósofos cristãos distinguem a luz natural – a razão – da luz sobrenatural – a revelação.

4. Êxtase místico, no qual o espírito mergulha nas profundezas do divino e participa dele, sem qualquer intervenção do intelecto ou da inteligência, nem da vontade. Pelo contrário, o êxtase místico exige um estado de abandono, de rompimento com a atividade intelectual e com a vontade, um rompimento com o estado consciente, para entregar-se à fruição do abismo infinito. A razão ou consciência se opõe à inconsciência do êxtase.<sup>38</sup>

A palavra razão possui vários outros sentidos, dependendo da época, da cultura, da sociedade e até por quem ela é utilizada, como podemos perceber quando falamos de Marx, visto que este introduziu a noção de ideologia, e de Freud, quando ele introduziu a noção de inconsciente.

Jacques Lacan (1901- 1981) propôs o provocativo sintagma “a razão desde Freud” para indicar que a racionalidade moderna não poderia ser indiferente ao corte representado pela invenção da Psicanálise, como teoria e como dispositivo de uma práxis [...] Freud, ao acolher o sofrimento psíquico como uma verdade discordante em relação ao saber médico, acabou reafirmando uma tese filosófica cara à dialética. Hegel (1770-1831) dizia que verdade e saber são duas ordens separadas, que só coincidiriam no longínquo momento do saber absoluto. Mas, na experiência da consciência, saber e verdade entrariam numa espécie de conflito. A cada passo dado pelo saber, algo da verdade escapa a esta apreensão pelo conceito. Ora, a Psicanálise, diz Lacan, representa um novo sismo nas relações entre saber e verdade.<sup>39</sup>

A noção de ideologia veio mostrar que as teorias e os sistemas filosóficos ou científicos, aparentemente rigorosos e verdadeiros, escondiam a realidade social, econômica e política, e que a razão, em lugar de ser a busca e o conhecimento da verdade, poderia ser um poderoso instrumento de dissimulação da realidade, a serviço da exploração e da dominação de uma parcela sob o restante do grupo (dominantes X dominados). A razão seria um instrumento de falsificação da realidade e de produção de ilusões pelas quais uma parte do gênero humano se deixa oprimir pela outra.<sup>40</sup>

A noção de inconsciente, por sua vez, revelou que a razão é menos poderosa que a filosofia imaginava, pois nossa consciência é, em grande parte,

<sup>38</sup> CHAUÍ, 2000. P. 68-76.

<sup>39</sup> IANNINI, Gilson. **A razão desde Freud**. Disponível em Portal Ciência & vida <www.filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/73/a-razao-desde-freud-ao-inventar-a-psicanalise-freud>. Acesso em: 28 set. 2016.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia>. Acesso em: 30 ago.2016.

dirigida e controlada por forças profundas e desconhecidas que atuam no inconsciente do sujeito, podendo dificilmente tornar-se conscientes e racionais, como postularia o Pai da psicanálise. Freud apresenta o inconsciente como um sistema psíquico independente da consciência.<sup>41</sup> A fim de esclarecer melhor a visão deste mestre acerca do conceito, podemos fazer uma analogia com base na geografia: como exemplo pode-se usar a relação entre o Vaticano e Roma (capital da Itália). Imagine o ego como sendo a Itália, um país; podemos correlacionar Roma como sendo a sua parte consciente, área dotada de regimentos, características próprias e/ou específicas, dentre outras qualidades que podem ser um tanto restritas ao mundo exterior, porém ainda facilmente demonstradas e apresentadas para o mundo exterior (ou realidade). Seguindo com o pensamento, o Vaticano seria o inconsciente: ambos possuem defesas que restringem o seu contato com o mundo exterior (a Cidade – Estado do Vaticano consiste em um enclave murado dentro de Roma); ambos possuem leis próprias, assim como atividades e conteúdos próprios, certos critérios precisam ser preenchidos para que ocorra o trânsito de pessoas e de informações, etc. Se o aparelho psíquico de cada sujeito é único e subjetivo, quais parâmetros utilizar para considerar alguém normal, louco ou apenas sem noção?

A razão e a loucura fazem parte da estrutura mental e da vida humana e, muitas vezes, como a exemplo do Nazismo, a razão é louca e destrutiva. A psique é um campo de batalha inconsciente entre desejos e censuras. O id<sup>42</sup> ama o proibido;

---

<sup>41</sup> Polígrafo do Curso livre de psicanalista da Sociedade Psicanalista Ortodoxa do Brasil. Polo RS, 2009.

*Para aprofundar-se mais sobre a Teoria do Inconsciente de Freud, aconselho a ler o artigo **Inconsciente - Das Unbewusste – Freud (1915)**. O Inconsciente' faz parte da chamada Metapsicologia freudiana. Onde ele trata sobre a noção do inconsciente como uma instância psíquica, vendo além do que antes era apenas tratado como adjetivo (como por exemplo: quando se diz que "Fulano está inconsciente", quando queremos afirmar que alguém está desmaiado).*

<sup>42</sup> **Id:** Termo empregado por Freud, para referir-se à massa impessoal de energias ou forças que, interagindo entre si, formam o inconsciente propriamente dito, ou aquilo que pode ser chamado de inconsciente estrutural. Estas energias estão por trás dos processos que compõem a vida consciente, funcionando como determinantes internos destes processos.

**Ego:** na psicanálise, este conceito refere-se à parte da pessoa que, mais superficial, está em contato com a realidade externa, é consciente, incluindo, portanto, a representação da realidade fornecida pelos sentidos. Ele existe no pré-consciente sob a forma de memórias, juntamente com os impulsos e influências que foram aceitos e estão sob controle.

**Superego:** termo usado por psicanalistas para designar uma estrutura do inconsciente, construída a partir das primeiras experiências da criança e baseada principalmente na sua relação com os pais. Ela funciona como uma espécie de consciência, criticando os pensamentos e as ações do ego, provocando sentimentos de culpa e de angústia quando o ego satisfaz ou tende a satisfazer os impulsos primitivos.

OSBORNE, R.. **Freud para principiantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. P. 173-175.



o superego quer ser amado por reprimir o id. O id desconhece fronteiras; o superego só conhece barreiras. Vencedor o superego, é violência que destrói o sujeito. A batalha só pode ser decidida em nosso proveito por uma terceira instância ligada à consciência, o ego.<sup>43</sup>

Seguindo o rastro platônico, Freud dizia que a mente humana tinha uma divisão básica tripartite, onde os desejos irracionais e sexuais eram contidos pelo superego, ou seja, pela pressão social internalizada em uma tensa relação mediada pelo ego, que, grosso modo, faz uma seleção de quais desejos e características pessoais poderiam ser externalizadas. Quando esse superego enfraquece, a mente humana, em seu inconsciente, passa a erodir qualquer limite à satisfação do prazer. Logo, tem-se um desequilíbrio mental de certa ordem, já que como qualquer órgão, a mente também tem uma lógica interna e uma função, baseada no equilíbrio entre as três camadas. E é esse desequilíbrio que, atualmente, é causa frequente das psicoses, depressões e demais perturbações mentais.<sup>44</sup>

Descobrir a existência do inconsciente não significa esquecer a consciência e abandoná-la como algo ilusório ou inútil, pelo contrário. A consciência é a representação da nossa interação com o mundo externo. A psicanálise não é apenas uma teoria sobre o ser humano, mas é antes de tudo uma terapia para ajudar o sujeito na busca pelo autoconhecimento e evitar que ele seja um mero objeto de disputa entre as forças inconscientes do id e do superego, evitando assim a instalação do mal-estar psíquico no sujeito.

## 1.5 Influências da vontade e do desejo na razão

A tradição filosófica examinada até aqui constitui o relacionamento ético que serve de abordagem para o embasamento filosófico psicanalítico. Atribui à razão humana o lugar central na vida ética, mas não pode-se ignorar a imensa influência do sistema psíquico no comportamento e pensamento humanos. Aqui, tratarei de algumas visões e teorias acerca do que seria a “razão”. A ética na psicanálise é mais voltada para a busca da verdade do sujeito, do que para a razão. Na minha

---

<sup>43</sup> Disponível em: < <https://sigifreud.wordpress.com/2013/11/13/a-etica-e-a-psicanalise/>>. Acesso em: 30 ago.2016.

<sup>44</sup> Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

prática psicanalítica, correlaciono a noção de razão, está relacionada às correntes intelectualista e voluntarista.

. Encontram-se duas correntes principais que formam a tradição racionalista: aquela que identifica a razão como inteligência ou intelecto, a Corrente Intelectualista, e aquela que considera que, na moral, a razão identifica-se com a vontade, a Corrente Voluntarista.<sup>45</sup>

Ainda seguindo o pensamento apresentado por Chauí, na concepção intelectualista, a vida ética ou virtuosa depende do conhecimento sendo que, apenas por sermos ignorantes, fazemos o mal e nos deixamos arrastar por impulsos e paixões contrárias à virtude e ao bem. O ser humano, o ser essencialmente racional necessita fazer com que sua razão ou inteligência conheça os fins morais, os meios morais e a diferença entre o bem e o mal, de modo a conduzir a vontade no momento da deliberação e da decisão. A vida ética depende do desenvolvimento da inteligência ou razão, sem a qual a vontade não poderá atuar.<sup>46</sup>

Para a concepção voluntarista, a vida ética ou moral depende essencialmente da vontade, porque dela depende o agir e porque ela pode querer ou não o que a inteligência lhe ordena. Se a vontade for boa, seremos virtuosos, se for má, seremos viciosos. A vontade boa orienta a inteligência no momento da escolha de uma ação, enquanto a vontade má desvia a razão da boa escolha, no momento de deliberar e de agir. A vida ética depende da qualidade da vontade e da disciplina para forçá-la rumo ao bem. O dever educa a vontade para que se torne reta e boa. Nas duas correntes, porém, há concordância quanto à ideia de que, por natureza, somos seres passionais, cheios de apetites, impulsos e desejos cegos, desenfreados e desmedidos, cabendo à razão estabelecer limites e controles.<sup>47</sup>

Egoísmo, agressividade, avareza, busca ilimitada por prazeres corporais, sexualidade sem freios, mentira, má-fé, desejo de posse, ambição desmedida, crueldade, medo, covardia, ódio, desprezo pela vida e pelos sentimentos alheios são algumas das muitas paixões que nos tornam imorais e incapazes de relações decentes e dignas com os outros e com nós mesmos. Quando cedemos a elas somos viciosos e culpados.

---

<sup>45</sup> CHAUI, 2000.

<sup>46</sup> MONTEIRO, Edson. **O sorriso da razão** – Uma quase elegia - a verdade. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004. P. 79-99.

<sup>47</sup> Disponível em: < [http://www.ivopitz.pro.br/?arquivo=filos\\_moral\\_chauí](http://www.ivopitz.pro.br/?arquivo=filos_moral_chauí)>. Acesso em: julho 2016.

A ética apresenta-se, assim, como trabalho da inteligência e/ou da vontade ou para controlar paixões. O racionalismo ético define a tarefa da educação moral e da conduta ética como poderio da razão para impedir-nos de perder a liberdade sobre os efeitos de paixões desmedidas e incontroláveis. Para tanto, a ética racionalista distingue a necessidade, desejo e vontade.<sup>48</sup>

Para os seres humanos, o desejo motiva a satisfação das necessidades, e por sua vez é fonte de satisfação. Este desejo que parte da satisfação de necessidades acrescenta a elas o sentimento do prazer, dando às coisas, às pessoas e às situações novas qualidades e sentimentos. No desejo, nossa imaginação busca o prazer e foge da dor pelo significado atribuído ao que é desejado ou é indesejado. A forma como imaginamos a satisfação, o prazer, o contentamento que alguma coisa ou alguém nos dão transforma esta coisa ou este alguém em objeto de desejo e o procuramos sempre, mesmo quando não conseguimos possuí-lo ou alcançá-lo. O desejo é, pois, a busca da fruição daquilo que é desejado, porque o objeto do desejo dá sentido a nossa vida, determina nossos sentimentos e nossas ações. Somente como humanos temos desejos. Esta é a razão pela qual, muitos filósofos afirmam que a essência dos seres humanos é desejar e também almejar ser desejados pelos outros. Para o psicanalista Jacques Lacan, o desejo seria a essência da realidade, os seres humanos sempre estariam insatisfeitos com a vida e sempre em busca de uma forma suportável de encarar a inevitável falta existente.<sup>49</sup>

Conforme exposto por Chauí, a vontade possui três características distintas do desejo:

1. O ato voluntário, que alude em esforço para vencer obstáculos, podendo estes ser materiais, físicos, ou psíquicos. A tenacidade e a perseverança, a resistência e a continuação do esforço são sinais da vontade e por isso comumente usamos o conceito de força de vontade.

2. O ato voluntário que exige discernimento e reflexão antes de agir, isto é, demanda deliberação, ponderação e tomada de decisão. A vontade pesa, confronta, avalia, discute, julga antes da ação.

---

<sup>48</sup> CHAUÍ, 2000.

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://psicosaber.wordpress.com/2009/07/07/o-desejo-e-a-essencia-da-realidade/>>. Acesso em: 22 set. 2016.

3. A vontade refere-se ao possível, isto é, ao que pode ser ou deixar de ser que se torna real ou acontece graças ao ato voluntário, que atua em vista de fins e da previsão das consequências. Por isso, a vontade é inseparável da personalidade.<sup>50</sup>

O desejo é paixão, a vontade é decisão. O desejo nasce do nosso imaginário, e a vontade se articula à reflexão. O desejo é intolerante com o tempo, ou seja, desejar é querer a satisfação e o prazer imediatos. A vontade, ao contrário, realiza-se no tempo, o esforço e a ponderação trabalham com a relação entre meios e fins e aceita postergação da satisfação. Todavia, é o desejo que rende à vontade os motivos interiores e os fins exteriores da ação. À vontade cabe a educação moral do desejo. Segundo a visão intelectualista, a inteligência guia a vontade para que essa eduque o desejo. Na concepção voluntarista, a vontade boa tem o poder de educar o desejo, enquanto a vontade má submete-se a ele e pode, em muitos casos, pervertê-lo.<sup>51</sup>

Assim, podemos afirmar que consciência, desejo e vontade constituem o campo da vida ética: Consciência e desejo referem-se a nossas intenções e motivações; a vontade, as nossas ações e finalidades. Ainda conforme explanado pela autora supramencionada, as primeiras dizem respeito à qualidade da atitude anterior ou dos sentimentos internos ao sujeito moral; as últimas, à qualidade da atitude externa, das condutas e comportamentos do sujeito moral. Para a concepção racionalista, que tem em Immanuel Kant seu principal expoente, a filosofia moral é o conhecimento das motivações e intenções e dos meios e fins da ação moral capazes de concretizar aquelas motivações e intenções.

É relevante observar que a posição de Kant, embora racionalista, distingue-se das outras perspectivas, porque considera irrelevantes as motivações e intenções do sujeito, uma vez que a ética diz respeito à forma universal do ato moral, como ato livre de uma vontade racional boa que age por dever, segundo as leis universais que deu a si mesma. O filósofo postulou o que denominou de “imperativo categórico”, a necessidade de agir de modo que a ação possa se tornar o princípio de uma lei válida para qualquer pessoa. Assim, ele exclui motivos e intenções, porque estes o modificariam em algo condicionado, e, portanto, o tornaria um imperativo hipotético, destruindo-o como fundamento universal da ação ética por dever. Para Kant, nossa

---

<sup>50</sup> CHAUI, 2000.

<sup>51</sup> Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

racionalidade é limitada para pensar em Deus e nas coisas em si. Atualmente, estudiosos costumam dividir a filosofia como antes e depois de Kant.<sup>52</sup>

O racionalismo ético é apenas uma das concepções da moral. Temos também a visão sugerida pela vertente do “emotivismo ético”, que prega que o fundamento da vida moral é a emoção. Nossos sentimentos são as causas das normas e dos valores éticos. Inspirando-se em Rosseau, alguns emotivistas citam que a bondade natural de nossos sentimentos e nossas paixões são a forma e o conteúdo da existência moral como relação intersubjetiva e interpessoal. Outros defensores salientam a utilidade dos sentimentos ou das emoções para a nossa sobrevivência e para as nossas relações com os outros, cabendo à ética orientar, de modo a coibir a violência, garantindo relações justas entre os seres humanos.<sup>53</sup>

Considerando estas perspectivas, podemos afirmar a importância da existência de códigos éticos documentados. Entendendo que o ser humano é definido como animal racional, possuidor de desejos e vontades, comandado por três instâncias psíquicas (ego, superego e id), se faz necessário que as pessoas tenham a norma legal como parâmetro para cumprir suas vidas de forma adequada, sendo possível acessar e utilizar tais códigos para conduzir com retidão a sua vida pessoal e profissional. Assim, mesmo que sejam apresentados argumentos de que a pessoa cometeu alguma irregularidade, tendo como base boas intenções, o não cumprimento do dever ético pode gerar uma série de constrangimentos, problemas legais e marcar para sempre a vida do praticante do ato considerado ilegal e de quem for prejudicado por tal ação. Logo, acredita-se que tal código deva valer para todos.

## 1.6. Interioridade x dever?

Diferentemente de outras religiões da antiguidade, que eram racionais e políticas, o Cristianismo nasce como religião na qual indivíduos se definem por sua fé num mesmo e único Deus. Ou seja, enquanto as demais religiões antigas se relacionavam com a comunidade social e politicamente organizada, o Deus cristão

---

<sup>52</sup> **Revista Superinteressante:** O guia da Filosofia. São Paulo: Abril, 2013. P. 47.

<sup>53</sup> Disponível em: < <https://portal2013br.wordpress.com/2015/03/06/a-crenca-na-etica-e-na-moral-a-hipocrisia-da-sociedade-e-das-emocoes-condicionadas>>. Acesso em: 20 ago.2006.

relacionava-se diretamente com as pessoas que nele creem. Isto significa que a vida ética do cristão será definida por sua relação espiritual e interior com Deus.

O cristianismo introduziu duas diferenças primordiais na antiga concepção ética. Em primeiro lugar, a ideia de que a virtude se define por nossa relação com Deus. Nossa relação com os outros depende da qualidade da nossa relação com Deus, único mediador entre cada indivíduo e os demais. Assim sendo, as duas virtudes cristãs, primeiras condições de todas as outras, são a fé (qualidade da relação da nossa alma com Deus) e a caridade (o amor aos outros e a responsabilidade pela salvação dos outros, conforme exige a fé). As duas virtudes são privadas, isto é, são relações do indivíduo com Deus e com os outros, por intermédio da intimidade e da interioridade de cada um. Em segundo lugar, a afirmação de que somos dotados de vontade livre – ou livre arbítrio – e que o primeiro impulso de nossa liberdade dirige-se para o mal e para o pecado, ou seja, para a transgressão das leis divinas. Somos seres fracos, pecadores, divididos entre o bem e o mal. Em outras palavras, enquanto para os filósofos antigos, a vontade é uma faculdade racional capaz de dominar e controlar a desmesura passional de nossos apetites e desejos, havendo, portanto, uma força interior (vontade consciente) que nos tornava morais, para o cristianismo a própria vontade está pervertida pelo pecado e precisamos do auxílio divino para nos tornar morais.

Qual o auxílio divino sem o qual a vida ética não seria possível? A lei divina revelada que devemos obedecer obrigatoriamente e sem ressalvas. O cristianismo, logo, passa a considerar que o ser humano é, em si mesmo e por si mesmo, incapaz de realizar o bem e as virtudes, vide menção do pecado original, na Bíblia. Tal concepção leva a introdução de um novo conceito de moral: a ideia do dever.

Por meio da revelação aos profetas (Antigo Testamento) e de Jesus Cristo (Novo Testamento), Deus tornou a sua vontade e a sua lei manifestas aos seres humanos, definindo eternamente o bem e o mal, a virtude e o vício, a felicidade e a infelicidade, a salvação e o castigo. Aos humanos, cabe reconhecer a vontade e a lei de Deus, cumprindo-as obrigatoriamente, através de atos de dever. Este é o único que torna morais um sentimento, uma intenção, uma conduta ou uma ação. O Deus de Abraão não se identifica com as forças da natureza e nem possui um corpo físico, Ele está acima de tudo aquilo que é considerado como natural. A partir do Cristianismo, não é mais as forças naturais que determinam o comportamento humano, mas sim a vontade de Deus. Para tanto, é preciso que os homens

busquem a revelação Divina. “A revelação de Deus não é uma exposição teórica, mas ela é toda voltada para a educação e o aperfeiçoamento do homem. O homem busca ser santo [...]”<sup>54</sup>

A partir do renascimento, a ideia filosófica da moral afasta-se dos princípios teológicos e da fundamentação religiosa da ética. A ideia do dever permanecerá como um dos alicerces principais da concepção ética ocidental. Com isso, a filosofia moral passou a diferenciar três tipos básicos de conduta: Primeiro, a conduta moral ou ética, que se realiza segundo as regras e normas impostas pelo dever; segundo, a conduta imoral ou antiética, que se realiza contrariando as normas e as regras estabelecidas pelo dever; terceiro, a conduta indiferente à moral, quando atuamos em situações que não são determinadas pelo bem e pelo mal, e nas quais não se impõem as normas e as regras do dever.

Juntamente com a ideia do dever, a moral cristã introduz a ideia de intenção na cultura ocidental. Até o cristianismo, a filosofia moral estava localizada na conduta ética, nas ações e nas atitudes visíveis do agente moral, ainda que tivessem como pressuposto algo que se realizava no interior do agente. Eram as suas condutas visíveis que eram julgadas como virtuosas ou viciosas. O cristianismo, porém, é uma religião de interioridade, afirmando que a vontade e a lei divinas estão inscritas nos corações de nós, humanos.

A primeira relação ética, portanto, se estabelece entre o coração do indivíduo e Deus, entre a alma invisível e a divindade. Como consequência, passou-se a considerar como submetido ao julgamento ético tudo o que invisível aos olhos humanos, mas é visível ao espírito de Deus, portanto, tudo que ocorre em nosso interior. O dever não se refere apenas às ações visíveis, mas também às intenções invisíveis, que passam a ser julgadas eticamente.

Torna-se relevante expor o pensamento de Levinas, o qual sofreu grande influência do judaísmo<sup>55</sup>:

Deus que vela sua face não é, pensamos, uma abstração de teólogo [...] É a hora em que o indivíduo justo não encontra nenhum recurso exterior, em que nenhuma instituição o protege, em que a consolação da presença divina no sentimento religioso infantil se nega também, em que o indivíduo apenas pode triunfar em sua consciência, ou seja, necessariamente no sofrimento [...] Ele [o sofrimento] revela um Deus que, renunciando a toda

---

<sup>54</sup> VALLS, 1994. P. 36.

<sup>55</sup> LEVINAS, E. **Difficile liberte**: Essais sur le judaïsme. Paris: Albin Michel, 1963/ Librairie Générale Française, 1984 (Le livre de poche). P.201-206. Trecho extraído de “*Aimer la Thora plus que Dieu*”.

manifestação solícita, convoca à plena maturidade do homem responsável integralmente. Mas no mesmo instante, este Deus que vela sua face e abandona o justo à sua justiça sem triunfo — este Deus longínquo — vem do interior. Intimidade que coincide, para a consciência, com o orgulho de ser judeu, de pertencer concretamente, historicamente, estupidamente, ao povo judeu. [...]





## 2 FREUD – O DESCOBRIDOR DA ALMA

Não, nossa ciência não é uma ilusão. “Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar.” <sup>56</sup>

Teria a psicanálise nascido por milagre e rompendo do cérebro de um gênio da humanidade, como se nada ou ninguém procedesse? Tal maneira de idealizar Freud, figura central do século XX, sem inscrevê-lo em uma continuidade e uma comunidade científica, não permite compreender como e porque ele é único. Para compreendermos as decisões do Pai da psicanálise, convém que saibamos mais sobre a história de sua vida e a época em que ele viveu. Creio ser relevante tratar alguns aspectos do histórico tanto de Sigmund Freud, quanto da psicanálise, para compreender as perspectivas freudianas em relação à ética, visto que a sua teoria foi influenciada pelo zeitgeist da época em que ele viveu.

Seria possível verificar se as sugestões feitas pelo próprio, sobre a necessidade ou não de um estatuto atualmente seriam ainda válidas?

Para Roudinesco<sup>57</sup> se não compreendermos Freud no seu tempo, como ele viveu, o que viu como elaborou seus textos, tendemos a adotar, muitas vezes, teses equivocadas. Se contextualizarmos sua época, entenderemos melhor a nossa e compreenderemos melhor o que é Freud hoje. Podemos considerar que a teoria freudiana é um produto de sua época, merecendo ser considerada relevante historicamente.

### 2.1 Biografia

Em 1856 nasce Sigmund Schlomo Freud em Freiberg, atual República Tcheca. Filho de Jakob e de sua segunda esposa Amalie Freud, ele já tinha dois irmãos por parte de pai. Freud sempre teve orgulho de ser judeu, apesar de sua família e nem ele próprio serem praticantes. Sua babá era uma católica devota, o

---

<sup>56</sup> FREUD, S. **A história do Movimento Psicanalítico** - Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. Tradução de Themira de Oliveira Brito; Paulo Henrique Britto; Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XIV) (1914)1974 P. 13-119.

<sup>57</sup> Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/10/elisabeth-roudinesco-nao-podemos-trabalhar-a-obra-de-freud-como-atemporal-4613156.html>>. Acesso em: maio 2016.

que também ajudava. Mais tarde, Freud passou a ter profundo interesse pela religião e pela história bíblica, provavelmente motivado mais uma vez por suas experiências infantis.

Um episódio antissemita foi extremamente marcante na vida de Sigmund: um desconhecido obrigou o seu pai a mudar de calçada por preconceito e, para, a desilusão do pequeno, o seu pai apenas acatou a humilhação sem protestar.<sup>58</sup> Foi um golpe para a criança que via em seu pai um exemplo de onipotência, mas que descobriu nesse dia que ele não era invencível. Mais tarde essas lembranças auxiliariam Freud a delinear algumas de suas teorias. Ele e sua família não demonstravam vergonha de serem judeus, mas era fato que perseguições ocorriam.

Embora originário de uma família judia, a criação de Freud foi bastante liberal, recebendo uma criação judaica não tradicional e aberta à filosofia do Iluminismo. Na verdade, sua relação com a religião foi muito contestadora. Embora perseguido por ser judeu, Freud era um incrédulo e definia-se como um sem religião. Ele estimava que houvesse mais desvantagens do que vantagens nas crenças, e acreditava que a humanidade deveria aceitar o fato de que a religião era somente um caminho ilusório para o abandono de seu estado de infantilismo. Assim fazia questionamentos sobre a fé cega:

Temos que acreditar porque nossos antepassados acreditam. Mas nossos ancestrais eram muito mais ignorantes do que nós. Acreditavam em coisas que hoje não nos é possível aceitar, ocorre-nos a possibilidade de que a doutrina da religião possa pertencer também a essa classe. As provas que nos legaram estão registradas em escritos que, eles próprios, trazem todos os sinais de infidedignidade. Estão cheios de contradições, revisões e falsificações e, mesmo onde falam de confirmações secretas, elas próprias acham-se inconfirmadas. Não adianta muito asseverar que suas palavras, ou inclusive apenas o seu conteúdo, se origem da relação divina, porque essa asserção é, ela própria, uma das doutrinas cuja autenticidade está em exame, e nenhuma proposição poderá ser prova de si mesmo.<sup>59</sup>

Em 1860, a família se mudou para Viena, por motivos financeiros. Freud viveria lá por 78 anos, pode-se dizer, então, que Viena tornou-se a sua cidade natal. Ele era extremamente esforçado na escola, e muitas vezes o primeiro da turma. Lia o tempo todo, aprendeu várias línguas, sempre tendo oportunidade nos estudos em

---

<sup>58</sup> LOURENÇO, A. **A vida de Freud**. Coleção Guia da Psicanálise: Freud. Volume I. São Paulo: Escala, 2013. P. 6-7.

<sup>59</sup> FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** apud Revista Coleção Guia da Psicanálise: Freud. Volume I. São Paulo: Escala, 2013. P. 7

seu núcleo familiar. Seus pais faziam de tudo para dar suporte à precoce evolução intelectual do seu filho mais velho. Ele conseguiu até mesmo tirar o piano de sua irmã de casa, alegando que o barulho atrapalhava a sua concentração. Muitos biógrafos indicam que era excessivamente mimado pela mãe, que o chamava de "Meu Sig de ouro". Durante os oito anos em que estudou, foi seis anos eleito o melhor aluno da classe. Entrou para a Universidade de Viena em 1873.<sup>60</sup>

Em meados de 1880, Freud, com mais de 30 anos, é médico e professor especialista em neurologia, seus principais pacientes são doentes dos nervos. Decepcionado com a eletroterapia, interessa-se pela hipnose. Freud mantém contato com Joseph Breuer (1842-1925), também médico, que possuía uma paciente que sofria de histeria, caso que apaixona Freud.

Criou o termo "psicanálise" em 1896, para elaborar as suas ideias sobre as causas da neurose e de outros distúrbios mentais, já se fixando como um gênio de sua época. Um dos pontos decisivos para o desenvolvimento da psicanálise foi a morte do pai de Freud, em outubro de 1896, o que fez com que o estudioso se voltasse para dentro de si próprio, e empurrou seu pensamento em outra direção, indicando que a perda de um pai era a mais significativa, mais decisiva, na vida de um ser. A análise da figura do pai sempre esteve presente nos estudos de Freud. Seus sonhos trouxeram à tona lembranças de sua infância, quando aos dois anos de idade ele molhou a cama e ouviu de seu pai que "esse menino nunca vai chegar a ser gente".<sup>61</sup> Freud nutriu com o pai uma relação ambígua. Se por um lado a figura da segurança paterna sempre foi essencial em seu desenvolvimento, por outro o psicanalista começou a perceber sentimentos de raiva em relação ao mesmo.<sup>62</sup>

Os estudos do complexo de Édipo basearam grande parte de sua teoria. Em correspondência com seu amigo Fliess, Freud explica as circunstâncias de sua descoberta:

Acorreu-me ao espírito uma única ideia de valor geral, encontrei em mim, como em todo o lugar, sentimentos de amor para com minha mãe e de ciúme para com meu pai, sentimentos que são, acho eu, comuns a todas as crianças pequenas, mesmo quando o seu aparecimento não é tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas. Se isso for assim, podem-se compreender apenas todas as objeções racionais que se opõem à hipótese de uma fatalidade inexorável, efeito percebido em Édipo rei. Cada ouvinte foi, um dia, em germe em imaginação, um Édipo, e espanta-se diante da realização de seu sonho, transportado para a realidade, estremeando

---

<sup>60</sup> LOURENÇO, 2013.

<sup>61</sup> LOURENÇO, 2013.

<sup>62</sup> OSBOURNE, 2002. P. 172.

conforme o tamanho do recalçamento que separa o seu estado infantil do seu estado atual.<sup>63</sup> (A invenção da psicanálise e a correspondência Freud/Fliess. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 460-479.)

Uma das contribuições de Freud para a psicologia foi a de atrair o foco científico para o inconsciente, mudando para sempre o modo como as pessoas compreendem a outros e a si próprias. Suas teorias passaram por altos e baixos, sendo bem ou mal aceitas de acordo com o meio e a época. Nunca unânime na área médica, a psicanálise Freudiana ficou oficialmente à margem de sua disciplina. Em uma época onde se buscava a razão a todo custo, os tratamentos de Freud, através de sonhos e até mesmo de hipnose, pareciam um retrocesso muito grande para a ciência. Entretanto, membros da elite europeia moderna, cultos e relativamente livres de pressões religiosas, receberam bem a teoria do poder do inconsciente.

Na verdade, se de um lado havia certo incômodo no que dizia respeito à abordagem da sexualidade, por outro lado era reconfortante poder delegar a responsabilidade de atos e vontades para o subconsciente, um domínio no qual eles não tinham controle e era algo inerente a eles mesmos. Em uma sociedade na qual o mito e o sobrenatural iam perdendo cada vez mais credibilidade, abrindo espaço para a razão, era quase uma comodidade ouvir que nem todos os problemas eram de responsabilidade do próprio indivíduo.<sup>64</sup>

Tema tido como polêmico na época, a sexualidade foi elemento central para a teoria de Freud. O psicanalista rompeu tabus ao falar livremente sobre assuntos que não eram discutidos abertamente, como a pulsão sexual. E ainda foi muito mais além, chocou a sociedade e a comunidade médica ao trazer para a discussão temas rejeitados, como o incesto e a sexualidade infantil. Ele defendia que toda a natureza humana girava em torno de suas pulsões sexuais, o que era algo que as pessoas não estavam prontas para ouvir. É importante entender que Freud não resolvia problemas sexuais, ao contrário, ele relacionava todos os problemas à sexualidade.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Trecho de uma das correspondências entre Sigmund Freud e seu amigo Fliess, entre 1895 e 1897. VIDAL, Paulo Eduardo Viana. A invenção da psicanálise e a correspondência Freud/Fliess. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 460-479, dez. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141571282010000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282010000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em 02 fev. 2017.

<sup>64</sup> **Revista especial mente e cérebro memória da psicanálise** - S. Freud, número 01, 2. ed. 2009. P. 6- 15.

<sup>65</sup> Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/10/elisabeth-roudinesco-nao-podemos-trabalhar-a-obra-de-freud-como-atemporal-4613156.html>>. Acesso em: maio 2016.

A interpretação dos sonhos, uma das maiores obras de Freud, surge em 1900. Na obra, ele afirmou que um sonho é a satisfação de um desejo - a satisfação disfarçada de um desejo infantil inconsciente que não está prontamente acessível à consciência na vida desperta. Freud percebeu a importância dos sonhos ao notar que os seus pacientes com frequência faziam relatos acerca de seus sonhos, no processo de associação livre. Com base nas associações adicionais com o conteúdo dos sonhos, vislumbrou que os mesmos com certeza possuíam algum tipo de significado, mesmo que oculto ou disfarçado, que podia fornecer pistas sobre o psiquismo do paciente. Porém, só em 1895, Freud faz a primeira interpretação de um sonho seu: a injeção de Irma, que parece ser a encenação de um romance familiar das origens e da história da psicanálise.<sup>66</sup>

Na tentativa de caracterizar a psicologia dos sonhos, Freud estabeleceu as fundações da psicologia do ego. A análise dos sonhos fornece materiais que sofreram repressão. A atividade mental inconsciente ocorrida durante o sono ameaça interferir no próprio sonho. Esses pensamentos e desejos inconscientes incluem estímulos sensoriais noturnos. Essas formas noturnas de atividade mental precisam estar associadas com um ou mais desejos reprimidos, para originar o sonho, que então permite ao sonhador continuar dormindo ao invés de despertar. Uma vez que a mobilidade é bloqueada pelo estado de sonolência, o sonho permite uma gratificação parcial e limitada do impulso reprimido que o origina. Nunberg menciona que “é extremamente importante à compreensão do sonho, se almejamos chegar a uma compreensão da vida mental da pessoa”. Para ele, “a interpretação do sonho auxilia a compreensão dos conflitos subjacentes à formação dos sintomas. Para o próprio Freud, em situações difíceis, interpretar sonhos mostrava ser um guia confiável e que o sonho interpretado de modo correto restauraria a sua autoconfiança”.<sup>67</sup>

Freud diferenciou entre duas camadas o conteúdo dos sonhos, o conteúdo manifesto é o recordado pelo sonhador, e o conteúdo latente envolve os pensamentos e desejos inconscientes que ameaçam despertar quem sonha. Freud

---

<sup>66</sup> Freud argumenta que inclinações ou desejos recalcados no inconsciente tendem a se prender a este conteúdo, a fim de escapar da censura e cumprir o objetivo do sonho, que é a realização de desejos. Estas inclinações e desejos modificam o conteúdo existente assumindo um disfarce. OSBOURNE, 2002. P.172.

<sup>67</sup> NUMBERG, H. **Princípios da psicanálise**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1989. P.7.

descreveu as operações mentais inconscientes pelas quais o conteúdo latente do sonho é transformado no sonho manifesto como trabalho onírico.<sup>68</sup>

No ano de 1886, a vida conjugal de Freud parece ter sido o equilíbrio encontrado para ele compensar a sua turbulenta vida profissional; casou-se em setembro de 1886, aos 30 anos de idade, com Martha Bernays, o que talvez tenha dado um novo rumo à pesquisa psicanalista. Os biógrafos de Freud acreditam que ele abriu mão da pesquisa em laboratório, que tanto estimava, para abrir um consultório médico e assim ter condições financeiras para se casar com a noiva. O casal teve seis filhos (três meninas e três meninos), ficando juntos até a morte de Sigmund Freud (1939 de câncer, em Londres, exilado). Martha morreu no dia 02 de novembro em 1951, em Londres, doze anos após a morte do marido.<sup>69</sup>

Em 1892, ele elaborou o método de associações livres (técnica usada pela psicanálise, na qual o paciente deve esforçar-se a dizer tudo que lhe vier à mente, principalmente aquilo que ele se sinta tentado a omitir). Já em 1893, Freud discorre sobre os conceitos de defesa e recalçamento (ou repressão), e no ano seguinte houve a descoberta do conceito de transferência. No ano de 1896, surge pela primeira vez o termo Psicanálise, para nomear um método específico de psicoterapia. No mesmo ano, a correspondência entre Fliess e Freud apresenta a expressão "aparelho psíquico" e seus três componentes: consciente, pré-consciente e inconsciente.<sup>70</sup> Em 1897, revolucionou mais uma vez, ao trazer a teoria da existência do inconsciente, este como um sistema, e a perspectiva da existência do complexo de Édipo. Freud nomeou esse complexo, baseado na tragédia grega do escritor Sófocles, Édipo rei.<sup>71</sup>

Em 1903, ocorreu a descoberta da primeira teoria das pulsões: a pulsão sexual e a pulsão do eu. Em 1905, a descoberta dos estágios do desenvolvimento da sexualidade infantil. Já em 1908, Freud surge com a perspectiva de castração infantil. Em 1911, Freud descobre o conceito de Narcisismo, graças ao estudo da psicose paranoica. Em 1920, o conceito da segunda teoria do aparelho psíquico:

---

<sup>68</sup> BRENNER, C. **Noções básicas de psicanálise**. Introdução à psicologia psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1987. P.161.

<sup>69</sup> **Revista especial mente e cérebro memória da psicanálise** - S. Freud, número 01, 2. Ed. 2009. Páginas 6- 15 e 43-49.

<sup>70</sup> **Especial mente e cérebro memória da psicanálise: Sigmund Freud**, n. 01, 2. ed. 2009. P. 8-10.

<sup>71</sup> Tragédia grega escrita por Sófocles, por volta de 427 a.C. A trama gira em torno da família de Édipo e a relação deste com um acontecimento profetizado, antes do nascimento da personagem principal. Profecia essa que norteia praticamente toda a primeira fase da obra.

isso (id), eu (ego), super-eu (superego) e mundo externo, e nessa mesma década ele descobre a segunda teorias das pulsões: pulsão de vida e pulsão de morte, além do princípio do prazer. Descobre também o conceito de compulsão à repetição. E, entre 1922 e 1923, há o surgimento do conceito "falo" (poder).<sup>72</sup>

É impossível separar a psicanálise da figura de Freud, pois podemos supor que a época em que ele viveu e as pessoas com que conviveu influenciaram os fundamentos de suas teorias, concepções e perspectivas de várias formas.

De modo geral, com o passar do tempo, as ideias nascidas nos primórdios da Psicanálise foram alteradas, descartadas, ampliadas ou totalmente distorcidas. No entanto, a imensa e extraordinária obra freudiana é a base para tudo o que veio depois.

## 2.2 Psicanálise freudiana

Especialista na história da psicanálise, Elisabeth Roudinesco em recente reportagem do jornal Zero Hora, afirmou:

O genial em Freud foi transformar o neurótico moderno em um personagem trágico, tal como Hamlet ou Édipo. É preciso restaurar a ele esse gesto contra o reducionismo contemporâneo, que fez do ser humano uma simples máquina química sem alma. A pulsão de morte é produzida pela história, pelos determinismos políticos que são o essencial da segunda parte da obra freudiana. Freud construiu um movimento de luzes. Não uma revolução política, mas uma no sentido íntimo, simbólica, que transformou nosso olhar sobre nós mesmos.<sup>73</sup>

Com questões instigantes e outras tantas, Roudinesco, em sua obra mais atual "*Sigmund Freud na sua época e em seu tempo*", apresenta Freud como um homem que enfrentava várias contradições e que conseguiu criar uma doutrina "a meio caminho entre o saber racional e o pensamento selvagem, entre a medicina da alma e a técnica da confissão". Roudinesco transforma este personagem tão importante em uma figura tendo características muito vienenses, estando inscrito em

---

<sup>72</sup> IANNINI, Gilson. **A razão desde Freud**. Disponível em Portal Ciência & vida <[www.filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/73/a-razao-desde-freud-ao-inventar-a-psicanalise-freud](http://www.filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/73/a-razao-desde-freud-ao-inventar-a-psicanalise-freud)>. Acesso em: 28 set. 2016.

<sup>73</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. Freud em dois tempos. Porto Alegre, 2016. **Caderno Zero Hora Doc**. A reportagem no foco. Proa, p. 23, 10 e 11 de setembro de 2016. Entrevista concedida a Gageiro, Ana Maria.



uma época plenamente europeia, em um período no qual o continente se interrogava sobre os seus mitos institucionais e buscava renovar a sua identidade, tal como visto atualmente com a questão do “*Brexit*”.<sup>74</sup> Uma pessoa notável da luz e da sombra, conforme palavras da própria. Freud considerou que é preciso sublimar os instintos “maus”, e que a lei e a civilização têm papel importante na forma de controle das pulsões. Assim, Sigmund Freud é definido por esta estudiosa como sendo um conservador rebelde, um democrata a favor das monarquias constitucionais, mas contrário à pena de morte e a favor das mulheres e dos homossexuais. Um estranho conservador, Freud traz para a história do saber a riqueza das contradições: a noção de que somos determinados pelo inconsciente e, ao mesmo tempo, livres. Na biografia, há trechos em que Elisabeth Roudinesco apresenta o que considera algumas particularidades desta importante figura histórica.

Ele queria fazer uma ciência, mas fez uma medicina de alma racional. Não queria ligar o seu trabalho à psicologia e nem à filosofia, queria construir um movimento. Pensava que, quanto mais progresso, mais infelicidade e, portanto, mais é preciso ser progressista! Essa seria a dialética permanente de Freud.<sup>75</sup>

Um tratamento psíquico, da alma, afirmou Freud em 1890, só é possível por meio das palavras, e desde que se devolva a elas o seu feitiço originário. A ação das palavras, seu poder e suas relações com a matéria, a produção e o tratamento da alma estão no cerne das preocupações de Freud, desde 1890 até 1939. Tendo esta informação em mente, podemos compreender facilmente os caminhos percorridos pela psicanálise até então.

É importante também aprender sobre a história dessa teoria, visto que ela possui defensores, opositores e outros estudiosos que apenas a utilizaram como base em seus estudos. As teorias científicas são produtos históricos criados por pessoas reais, que vivem o seu tempo, e contribuem ou alteram, radicalmente, o desenvolvimento da ciência. A contribuição de Freud é comparável à de Karl Marx para a compreensão dos atuais processos históricos e sociais.

---

<sup>74</sup> Termo referente à saída do Reino Unido da União Europeia (UE). Termo oriundo da fusão das palavras na língua inglesa *Britain* (Grã-Bretanha) e *exit* (saída).

<sup>75</sup> **Revista especial mente e cérebro memória da psicanálise** - FREUD, S. número 01, 2. ed. 2009. Páginas 6- 15 e 43-49.

## 2.3 Histórico da Psicanálise de Freud

Pode-se compreender a teoria de Freud como não sendo rigorosamente uma antropologia; é psicologia, ou antes, psicanálise. Na base desta psicanálise acha-se contida certa antropologia. A primitiva intenção do fundador da psicanálise foi de fazer da sua doutrina um processo de cura de certas perturbações neuróticas. Nas suas *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Freud designa-a “um processo de curar medicamente certos doentes nervosos”. “O essencial desse processo consiste em trazer à consciência o inconsciente patológico”.<sup>76</sup>

Neste caso, conteúdo inconsciente pode ser definido como certos grupos de representações que, por serem desagradáveis e penosas ao sujeito, são recalçadas para fora da esfera consciente. Tais representações recalçadas pela vontade vão para as profundezas do inconsciente, mas ainda continuam a firmar-se aí e voltam por fim a penetrar, apesar da censura ao seu retorno, exercida pela consciência moral. Então elas retornam à esfera do consciente, sob as mais variadas formas e combinações possíveis. Podemos dizer que elas surgem disfarçadas, para burlar a censura e, ao mesmo tempo, não afetarem a consciência e o psiquismo do indivíduo. Ao vir disfarçadas são “aceitas” pelo superego e assim possuem suas demandas parcialmente atendidas.<sup>77</sup>

Por meio de uma série de associações apropriadas, a psicanálise procura trazer à tona essas obscuras representações que se achavam reprimidas no subsolo do inconsciente. Assim, espera-se obter entendimento sobre o que aflige o paciente, possibilitando, através da análise, uma resolução para tal conteúdo, mesmo não sendo uma resolução definitiva, mas que auxilie a pessoa a lidar com as consequências oriundas da manifestação de tais conteúdos inconscientes, na consciência. Este processo levou Freud à conclusão de que a verdadeira causa deste fenômeno é relacionada à vida sexual, isto é, à libido.

Para colocar em evidência a essência da antropologia, que se acha na base da doutrina psicanalítica, podemos sintetizá-la em três pontos: Primeiro, o ser humano é um ser natural governado por instintos. No seu escrito, *Fenseits des Lustprinzips*, Freud diz textualmente:

---

<sup>76</sup> *Wertphilosophie*, 1937, bei Ferdinand Schöningh in Paderborn *apud* HESSEN, J. **Filosofia dos valores**. 4. ed. Coimbra: Almedina. 2001.

<sup>77</sup> HESSEN, 1974. P. 183.

[...] não ignoramos que a muita gente há de custar ter de renunciar à crença de que o homem tem em si um instinto inato de perfectibilidade, que o levou já às culminâncias espirituais e morais que atingiu hoje, e do qual é lícito esperar a continuação até atingir as proporções do super-homem. Eu, porém, não acredito na existência desse instinto, nem vejo meio de poder salvar esta benéfica ilusão. O desenvolvimento do homem até aqui conhecido não me parece necessitar de outra explicação diferente da que explica também o desenvolvimento dos outros animais. Aquilo que em uma pequena minoria de indivíduos humanos se considera geralmente um instinto de perfectibilidade indefinida não é mais do que uma consequência de um recalçamento dos seus instintos naturais sobre o qual se pode muito simplesmente edificar a explicação de todas as coisas valiosas que existem na natureza humana.<sup>78</sup>

Segundo, o ser humano é um ser sexual, o instinto sexual é nele o instinto preponderante. Esta tese é outra modalidade da primeira. Terceiro, todo o espírito e toda a cultura espiritual são meras derivações dos instintos e tem a sua realização a partir de uma sublimação da libido.<sup>79</sup>

Em sua obra Filosofia dos valores, o professor Johannes Hessen questiona as teorias preconizadas pelo pai da Psicanálise, ao dizer que as mesmas significam explicar o indivíduo por meio de um naturalismo determinista. Ou seja, ele afirma que, ao reduzir o ser humano a um mero produto do recalçamento dos instintos vitais, não se releva os valores espirituais e destituí-se ao mesmo tempo a liberdade humana.<sup>80</sup>

Ora, não estaria também o próprio Hessen explicando toda a psicanálise, tendo como base somente uma faceta da mesma? A psicanálise Freudiana causou escândalo justamente por mostrar o quanto nós somos subordinados a esse sistema autônomo recalçado pela nossa consciência, cuja única finalidade é buscar o prazer e evitar o desprazer, e também pelo fato de suas teorias falarem sobre sexualidade (termo que por vezes não é compreendido no contexto correto e é relacionado a um assunto considerado tabu por sociedades conservadoras), e também por tocar em assuntos como pulsões de prazer, de vida e de morte. Talvez, se não tivesse falecido em 1927, J. Hessen estivesse mais aberto aos ideais propostos por Sigmund Freud, nos anos seguintes.

---

<sup>78</sup> FREUD *apud* HESSEN, 1974. P.184.

<sup>79</sup> HESSEN, 1974. P. 185.

<sup>80</sup> ROUDINESCO, Elizabeth. Freud em dois tempos. Porto Alegre, 2016. **Caderno Zero Hora Doc**. A reportagem no foco. Proa, p. 23, 10 e 11 de setembro de 2016. Entrevista concedida à Gageiro, Ana Maria.

Até meados do ano de 1904, apenas Freud praticava a psicanálise, mas a mesma já estava sendo difundida internacionalmente.<sup>81</sup> Ao ter o desejo como base do inconsciente, Freud ampliou a concepção de ética vigente até então, pois apresentou uma perspectiva para além do bem e do mal: A instância do inconsciente inscreve o mal estar no sujeito.

Ao questionar a ética do bem a partir de uma ética em função do desejo, Freud quer dizer que, se o bem aparece como lei, é porque algo em nós deseja fazer diferente. Por exemplo, ao contestar um dos dez mandamentos da cultura judaico-cristão, o de que devemos amar ao próximo, assim como a nós mesmos, ele se pergunta sobre a motivação, ou causa, da obrigatoriedade desse amor ao próximo ser uma lei estabelecida: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo [...] Porque devemos agir desse modo? Que bem isso nos trará? [...] Meu amor, para mim, é algo de valioso, que não devo jogar fora sem reflexão.<sup>82</sup>

A descoberta psicanalítica não é apenas uma construção lógica, pois foi na clínica que Freud percebeu que o psiquismo não se reduz à consciência. Suas observações o levaram a admitir a existência de outro lugar psíquico com conteúdos recalçados e acessos recusados ao pré-consciente/consciente. O pai da psicanálise compreendeu que o inconsciente funciona por mecanismos e dinâmicas próprias, ao aprofundar-se em seus estudos.

De imediato, o Freudismo se organiza como verdadeiro movimento profissional e cooperativo em torno de três instituições lideradas por médicos. Em 1911, Ernest Jones funda a Associação Psicanalítica Americana, enquanto Abraham Brill cria a Sociedade Psicanalítica de Nova York. No ano de 1914, é a vez de James Putman e Isador Coriat fundarem a Associação Psicanalítica de Boston. Em 1913 eles criam a primeira publicação na língua inglesa, *The Psychoanalytic Review*.<sup>83</sup>

Com a expansão do movimento psicanalítico, também emergiram rivalidades e divergências teóricas e clínicas quanto à duração do tratamento, à questão da transferência e da contratransferência e ao lugar da sexualidade na teoria. Com o surgimento de entidades e centros e o poder sobre o conhecimento psicanalítico se

---

<sup>81</sup> Em 1900 é lançado o livro "A interpretação dos sonhos", que marca o nascimento da psicanálise. **Especial mente e cérebro memória da psicanálise: Sigmund Freud**, n. 01, seg. edição, 2009.

<sup>82</sup> FREUD, S. (1930 [1929] /1980). **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, p. 67-148.

<sup>83</sup> **Especial mente e cérebro memória da psicanálise: Sigmund Freud**, São Paulo, número 01, 2 edição, 2009. P. 9

descentralizando cada vez mais rápido, exige-se algo que exercesse controle sob os acadêmicos e estudiosos da psicanálise, a fim de creditar o que era realmente relacionado e proposto pela teoria psicanalítica Freudiana.

Com o propósito de unificar, acompanhar e, sobretudo, controlar o movimento, em março de 1910 é fundada a Associação Psicanalítica Internacional (*IPA*, sigla em inglês) reunindo 42 pessoas oriundas dos Estados Unidos, Áustria, Alemanha, Hungria, Grã-Bretanha e Suíça. Um ano mais tarde, o movimento ganha outro adepto de peso, Lou Andreas-Salomé, cuja participação e dedicação à causa freudiana serão intensas, como atesta correspondência que manteve com o seu mestre até a sua morte, em 1937.<sup>84</sup>

Neste pouco mais de século de Psicanálise, Freud foi considerado como uma das figuras mais importantes, e o seu legado ainda exerce fascínio nos estudiosos modernos. A sua genialidade dificilmente se apagará com o tempo, ele foi muito futurista para que isso ocorra, suas concepções originais são leitura obrigatória para os analistas atuais. Porém, como não poderia deixar de ser, a compreensão da obra de Freud precisa passar por um crivo de atualização, não se pode comentar sobre a sua vida e obra como se tivessem sido escritas recentemente. Obviamente, todos os preceitos postulados por Sigmund Freud que são conhecidos (resistência, transferência, neutralidade, associação livre, dentre outros) precisam ser olhados e compreendidos por outro ângulo ou até modificados, já que o próprio Freud afirmava que não tinha pretensão de deixar uma obra completa, pelo contrário, ele achava que muito ainda havia de ser elaborado.

## **2.4 Conceitos fundamentais da psicanálise**

Para entender fatores que podem influenciar a prática analítica de várias maneiras, assim como a utilização de normas e regras a serem seguidas por todos os participantes envolvidos (analista e analisandos/as), primeiramente se faz necessário tratar de alguns conceitos psicanalíticos. Embasada na minha experiência profissional, creio que falar sobre a técnica psicanalítica teoricamente torna-se uma tarefa difícil, já que, dentro do consultório, o que o/a analista menos

---

<sup>84</sup> **Especial mente e cérebro memória da psicanálise:** Sigmund Freud. São Paulo: Escala, nº 01, 2ª edição, 2009.

usa são os seus preceitos teóricos conscientes e muito mais a sua empatia e intuição, além das suas vivências e contratransferências. É nesta maneira de “ser” psicanalítica que mais se aprende, vivenciando a teoria na sua práxis, e não no estudo da teoria per se, daí a importância tão propalada da análise didática e das supervisões. Mesmo assim sendo, algo de teórico é exigido para uma boa prática analítica.

Diz-se que a psicanálise é uma ciência da arte. Ciência, por ser fundamentada em concepções psicológicas muito bem embasadas e comprovadas. Arte, pois a sua técnica, a sua forma de praticar, é algo “*sui generis*”, transcendental, como se deixasse levar pelo fluir energético que brota do vínculo analista-paciente, que transforma o *setting* analítico em um local de transformações, mas de uma maneira não doutrinária ou pedagógica, e sim, espontânea, vivencial, natural, emocional, maternal.

#### 2.4.1 Associação livre

A associação livre é a regra básica, áurea, fundamental para uma frutuosa análise, tida como a oportunidade que se oferta ao paciente de livremente, sem qualquer constrangimento, dizer o que lhe vem à mente. Depois de finalizadas as entrevistas iniciais, tendo sido aceito o/a paciente, e constatado que a psicanálise está indicada, e acertado o contrato analítico, sugere-se o divã. A associação livre na atualidade não é encarada como a única maneira do analisando permitir um acesso ao mundo inconsciente. Sabemos previamente que forças resistenciais do paciente agem, e é papel do psicanalista observá-las e analisar o porquê delas agirem, impedindo o não cumprimento do tratamento. Precisa-se saber e compreender quais subterfúgios o/a analisando/a usa e ainda, como ele/ela se comporta quando da não realização das regras básicas. A associação livre, antes uma imposição, hoje é compreendida com sendo uma permissão para o analista entrar no mundo do/da analisando/a. Melhor dizendo, seria onde o/a paciente, no seu ritmo, a sua moda e segundo a sua vontade, vai dizer e viver o que quiser, num novo espaço (no *setting* analítico).<sup>85</sup> Assim, ao falar e associar livremente, o/a

---

<sup>85</sup> ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos** – Teoria, técnica e clínica – Uma abordagem didática. Porto Alegre, São Paulo: Artmed, 1999. Páginas 290-299 e 309-316.

analisando acaba por dar pistas sobre o funcionamento do seu psiquismo e da sua história de vida, para o analista entendê-lo/a como um todo. Ao focar em associar, sem perceber, as defesas e resistências da pessoa vão enfraquecendo, propiciando o envolvimento da mesma com a análise e contribuindo para a formação do vínculo com o/a psicanalista. A associação livre é regra fundamental da psicanálise freudiana, mas há outras formas de desvendar o que o inconsciente quer dizer.<sup>86</sup> Por isso é importante valorizar a metacomunicação, a linguagem não verbal, os silêncios, as somatizações, o tipo de entonação vocal, a linguagem corporal e gestual (*atuação*<sup>87</sup>), a linguagem primitiva do tipo identificação projetiva provocando as contratransferências, ou mais especificamente as contra indicações introjetivas, dentre outras.

Os sentimentos funcionam como motivadores da terapia e, por outras vezes, atuam como bloqueadores do processo psicanalítico. Ambos, psicanalista e analisando/a são pessoas humanas. Tendo isto em vista, se faz necessário a existência de critérios a serem seguidos durante o processo, a fim de preservar os direitos, deveres e responsabilidades de todos os envolvidos.

#### 2.4.2 Contratransferência

Pode-se definir a contratransferência como sendo todos os sentimentos experimentados pelo analista em relação a seu paciente, os quais devem ser usados como instrumento de compreensão do/a paciente no decorrer da análise.

Alguns autores defendem que, se o/a analista trabalha sem consultar os seus sentimentos, suas interpretações são consideradas pobres. A ideia é que ele/ela possa aceitar seus sentimentos, por mais bizarros, angustiantes e confusos que lhe possam parecer, sem os julgar e/ou hierarquizar-los, até que possa compreender qual a conexão que apresenta com as vivências de seu/sua paciente.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre, São Paulo: Artmed, 2001. P. 39.

<sup>87</sup> **Acting**: Termo original empregado por Freud, em alemão, é *agieren*, que alude ao fato de que no lugar de lembrar e verbalizar certos sentimentos reprimidos, o paciente o substitui por atos e ações motoras, que funcionam como sintomas. ZIMERMAN, 2001. P. 19.

<sup>88</sup> Paula Heimann introduziu o conceito de contratransferência, sobre a questão dos sentimentos do/a analista pelos seus pacientes. Ela defendia a ideia que o/a analista utilize sua "resposta emocional" durante a sessão analítica como guia, e sirva como instrumento de investigação do inconsciente do/a paciente. Disponível em: <<http://febrapsi.org.br/biografias/paula-heimann/>>. Acesso em 10 out. 2016.

Esse fenômeno deriva das identificações projetivas oriundas do analisando/a, que provoca no/na analista um estado de uma contra-identificação projetiva. O/a analista se impregna com cargas maciças de identificações projetivas do/da paciente e fica sendo induzido, passivamente, a sentir e a executar certos papéis. Isto pode determinar que o/a analista trabalhe com um grande desgaste emocional, sendo invadido por sentimentos contra o paciente, levando-lhe a efetuar *contra-actings*, interpretações inadequadas do tipo super-egóico, entre outras situações.<sup>89</sup>

O/a analista experimenta todos os sentimentos e sensações sem jamais se deixar conduzir (atuar) por elas, analisando profundamente, de forma subjetiva, interna, o/a paciente. Realmente, o par analista-analisando/a estabelece uma relação, com interação mútua, acreditando que o/a analisando/a necessariamente afeta o/a analista, e vice-e-versa, com o que é dito, e também com algo mais, além da fala.

### 2.4.3 Transferência

O deslocamento são impulsos, sentimentos e defesas passados que são transportados, deslocados, para uma pessoa do presente. O indivíduo desloca uma reação, de uma representação objetal do passado, para um objeto presente. É o fenômeno regressivo. Devido a frustrações e inibições instituais (repressão da libido) o/a neurótico/a continua a procurar, no presente, satisfações não realizadas no passado. Podemos afirmar que o/a paciente está sempre propenso/a a transferir para obter gratificação. A pessoa, até que se conscientize, age com certo exagero perante o/a analista, podendo, a partir dessa relação, originar-se uma resistência<sup>90</sup>. O sujeito não sabe conscientemente do motivo de estar agindo assim. As resistências transferenciais, ou transferências resistenciais, são a razão mais comum da interrupção da análise. O/a paciente faz uma busca contínua de gratificações transferenciais: desejos sexuais, orais, de se fazer de vítima para ganhar atenção, ficando focado apenas nisso. A análise é interrompida, pois o/a paciente só pensa

---

<sup>89</sup> Disponível em: <<http://febrapsi.org.br/biografias/paula-heimann/>> e em **Na era da contratransferência** <[http://www.larpsi.com.br/media/mconnect\\_uploadfiles/c/a/cap\\_01\\_62\\_.pdf](http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_62_.pdf)>. Acesso em 10 out. 2016.

<sup>90</sup> Termo empregado por Freud, **widerstand**, do alemão **wider** que significa contra, com uma oposição ativa. ZIMERMAN, 2001. P. 364.



na sua gratificação, querendo obtê-la várias vezes. Daí o axioma "o/a analista deve frustrar, frustrar, frustrar..."<sup>91</sup>

A transferência pode agir como uma resistência nos casos, por exemplo, do/a paciente temer se expor, por relacionar a própria exposição com o sentimento de humilhação, vergonha de ter de expor suas fantasias, ou ainda receio de que o/a analista o rejeite. Por isso, é de suma importância a existência de uma aliança de trabalho fundamentada e consolidada, onde o/a paciente compreende e aceita seu compromisso de coparticipação no enfrentamento de suas situações dolorosas, entendendo que tais ações são necessárias para seu próprio bem, sabendo que pode confiar no apoio que o/a psicanalista pode lhe oferecer.<sup>92</sup>

A interpretação da transferência só funciona quando há um vínculo emocional do/a paciente com o/a analista. Se o/a paciente manifesta sentimentos de vazio, incredulidade, desesperança, isolamento de sentimentos, fica difícil fazer tais interpretações. Nestes casos deve haver um acesso de construção de transferência. Para que o indivíduo possa ter um bom proveito da análise, ele/ela deverá ter a capacidade de alternar suas produções entre a neurose de transferência<sup>93</sup> (irracional), e a aliança de trabalho (racional).

Além disso, para que a transferência seja uma ferramenta útil à análise, o/a analista deve manter uma neutralidade, não contaminando a interação com os seus valores e preferências, demonstrando imparcialidade. Quanto menos se sabe a respeito do/a analista, mais aguçada fica a fantasia do/a paciente, propiciando a transferência<sup>94</sup>.

Podemos concluir que, na psicanálise, a transferência é algo importante para o tratamento fluir. O problema ocorre, quando o/a analisando/a não consegue se desvencilhar e fica preso às amarras transferenciais, preso a um determinado tipo de gratificação.

---

<sup>91</sup> **Psicoterapia Psicanalítica.** Polígrafo da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil – SPOB Polo RS, Porto Alegre, 2010. P. 59.

<sup>92</sup> **Psicoterapia Psicanalítica.** Polígrafo da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil – SPOB Polo RS, Porto Alegre, 2010. P. 51-65.

<sup>93</sup> Consiste no fato de fazer com que o modo de ser do sujeito, ao invés de interagir a sua neurose, não só, no seu ambiente externo, também interaja seus impulsos, sentimentos, fantasias (neuróticas), e até predominantemente com o analista.

<sup>94</sup> . ZIMERMAN, D.E. **Psicanálise em perguntas e respostas** – verdades, mitos e tabus. Porto Alegre, São Paulo: Artmed, 2005. P. 209. Mencionado também em *Psicoterapia Psicanalítica 2010* e em *Polígrafo: Teoria Psicanalítica I*, 2009, sem página.

Devido à ação da transferência, no transcorrer de qualquer tipo de psicoterapia, os desejos e impulsos arcaicos e infantis inconscientes centralizam-se no/a terapeuta como objeto para uma possível gratificação. As defesas características associadas a este impulso também se tornam aparentes nas manifestações de transferência, servindo de base de dados para o/a analista. A resistência do/a paciente deve ser superada a fim de revelar gradualmente os conflitos inconscientes.<sup>95</sup>

Conforme a teoria psicanalítica Freudiana, o mau funcionamento psíquico, ou doença, ocorre quando o fracasso do sistema desejo-defesa permite que a ação dos conflitos inconscientes originados da infância produza tensões que interferem com a integração e funcionamento atual do psiquismo, assim levando ao desenvolvimento de sintomas. Tal fato pode ser um dos motivos que levam o/a paciente não conseguir ver-se livre da transferência que o aprisiona, acarretando em nova estagnação da análise.

Então, uma tarefa fundamental no esforço psicoterapêutico é a necessidade que tem um do outro, analista e analisando, como objetos. A psicanálise, a forma mais intensiva de terapia, firma-se como um tipo de tratamento no qual a função do analista é auxiliar gradativamente o paciente a desistir da esperança de gratificação do terapeuta como um objeto. Enquanto o analista apresenta-se, ao paciente, como uma fonte possível de gratificação objetal verdadeira, ele ao mesmo tempo, impõe condições para que isto ocorra.<sup>96</sup>

A transferência, em conjunto com a resistência e a interpretação, continua a ser um pilar fundamental da psicanálise. Porém, conforme as escolas, as divergências são diversas quanto ao seu lugar e função na análise, o seu manejo técnico e suas origens. Do ponto de vista psicanalítico, o que define a psicoterapia é a maneira pela qual a resistência e a transferência são manejadas. A psicanálise seria a forma de psicoterapia em que as condições são organizadas a fim de direcionar a transferência tão livremente quanto possível no/a analista, para que, especialmente, a transferência como uma resistência possa ser tornada consciente e analisada. Assim sendo, as resistências do/da paciente durante a sessão psicanalítica também seriam evidenciadas, tornadas conscientes, e então analisadas

---

<sup>95</sup> ZIMERMAN, 2001. P. 364.

<sup>96</sup> ZIMERMAN, 2005. P. 209. Mencionado também em Psicoterapia Psicanalítica 2010 e em Polígrafo: Teoria Psicanalítica I, 2009, sem página.

tão profundamente quanto possível, servindo também como pistas sobre o inconsciente do sujeito.<sup>97</sup>

Portanto, a psicanálise é um método de terapia por meio do qual as condições são tornadas favoráveis ao desenvolvimento de uma neurose transferencial em que o passado é restaurado no presente, a fim de que, através de uma sistemática interpretação das resistências pelo/a analista, ocorra uma solução daquela neurose (transferencial e infantil). As resistências defendem as neuroses, sendo, portanto, a resistência a base do processo analítico, que consiste em superá-las, com intuito de efetuar mudanças estruturais no aparelho mental do/a paciente, para que ele/ela se torne capaz de uma adaptação ótima à vida. Então, trata-se a transferência, no linguajar psicanalítico, como a perspectiva emocional do/a paciente diante do/a analista.<sup>98</sup>

#### **2.4.4 Tratamento psicanalítico**

Freud concebeu a utilização do divã para possibilitar um maior estado de relaxamento possível à/ao paciente, enquanto este/a fala, e ainda para melhor administração da carga transferencial. Ao fazer parte do *setting* (cenário) analítico, o divã atua como uma espécie de porto seguro para o/a analisando/a.

A diferença entre a psicanálise e as demais terapias está na radicalidade em que ela privilegia a ética do desejo inconsciente e o desejo do/a analista na experiência de uma análise. Busca implicar a singularidade da pessoa em relação ao seu desejo. É um convite à saída da moral, dos costumes e dos ideais da adaptação da realidade para a entrada em outra cena na lógica do inconsciente.<sup>99</sup>

A psicanálise é um modo de ser e agir pautado na singularidade, e não em uma moral, regrada de costumes e comportamentos externos. Parte do princípio de que todo o ser humano tem algum mal-estar, sente e faz coisas estranhas. Por essa razão, caminha para tratar dessas esquisitices e pautar-se em algo específico que não se encaixe em modelos de tratamento, e privilegia o que há de mais próprio àquele que demanda de um tratamento: o inconsciente.

---

<sup>97</sup> ZIMERMAN, 2001. P. 412.

<sup>98</sup> ZIMERMAN, 1999. P. 309 e 331-332.

<sup>99</sup> FORBES, J. **Psicanálise a clinica do real**. Barueri, São Paulo: Manole, 2014. P. 23.

Em vários artigos, S. Freud (1912, 1915, 1916, 1917, 1926) refere-se à psicanálise como um método psicoterápico e terapêutico.

Psicanálise é o nome de um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo; um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas e que gradualmente se acumula nova disciplina científica.<sup>100</sup>

A ética da psicanálise inscreve-se nas diversas perspectivas em que se privilegiam as manifestações do inconsciente, lendo-as como marca singular de cada sujeito, ou seja, o inconsciente atua diferentemente em cada um de nós, por exemplo, um objeto terá diferentes significados, que dependerão do inconsciente do sujeito; mesmo que duas pessoas sonhem com casamento, não significa que ambas querem se casar. Essa estranheza é resultante da desnaturalização do humano pela linguagem e da conseqüente perda de uma parcela de sua satisfação, porque a satisfação humana não encontra um objeto na realidade que lhe seja correspondente. Assim, o desejo é, sem objeto e na sua estrutura, insatisfeito.

[...] o conflito do homem com o mundo não é um defeito, um erro, mas a base de sua constituição. O inconsciente é a marca desse desacerto e o desejo é o seu produto. Na experiência analítica, a ética da psicanálise tem como objetivo que o sujeito bem diga sobre o seu desejo. Dizer o que do seu sintoma tem uma satisfação paradoxal, o gozo.<sup>101</sup>

Na psicanálise, assim como o produto resultante da associação livre e os sonhos, o sintoma também é uma das formações do inconsciente. Na definição freudiana, é uma solução de compromisso entre o desejo inconsciente, proibido e recalçado, e as exigências definidas no ego. Compreende-se o conceito “sintoma” da seguinte maneira:

[...] sintoma neurótico passou a ser entendido como a expressão de um conflito inconsciente, comumente a de um desejo proibido sofrendo um recalçamento de uma instância repressora que só permite a manifestação indireta do desejo, camuflado e disfarçado sobre a forma do sintoma, de forma análoga ao que se passa ao fenômeno do sonho [...]<sup>102</sup>

Um dos sintomas mais percebidos no processo analítico é a angústia.

<sup>100</sup> FREUD, S. (1923) *apud* FORBES, 1997. P. 24

<sup>101</sup> FORBES, 1997. P. 25.

<sup>102</sup> ZIMERMAN, 2001. P. 388.

Kierkegaard dizia, em seu livro *O Conceito de Angústia*, que a ética grega era, no fundo, apenas uma estética. Isto significaria dizer que a norma grega de buscar o *belo e bom*, se resumiria, no fundo, à busca da beleza, do prazer, de tudo o que era agradável. E explicaria também um pouco a dificuldade que eles tiveram frente ao cristianismo, onde a morte na cruz não era bela, e onde o Sermão da Montanha não era *racional*.<sup>103</sup>

Os atos falhos, que também são resultantes de uma formação de compromisso entre a intenção consciente e o que está reprimido no inconsciente, são, da mesma forma, identificados durante a análise. Estes igualmente dizem a verdade sobre o conteúdo reprimido nas profundezas da mente, podendo ser expressos em comentários indevidos, erros de memória, erros auditivos, perda de objetos ou esquecimentos do lugar onde foram guardados, erros de ação, dentre outras formas. Tais acidentes não são aleatórios, mas motivados por desejos inconscientes, podendo do mesmo modo fornecer detalhes sobre o que quer manifestar o inconsciente do sujeito.<sup>104</sup>

Obviamente, a queixa do/a paciente também fornece dados sobre a sua personalidade e acerca do que se passa no interior de sua mente, que pode ser de um jeito no início do tratamento e sofrer modificações no transcorrer da análise, à medida que o/a analisando/a faz “descobertas” sobre si mesmo/a e sua realidade. A psicanálise implica a pessoa na sua queixa, compromete-a no seu sofrimento e a responsabiliza. É feita uma pergunta simples: o que você tem a ver com isso do que se queixa? Foi o que perguntou Freud em 1905 a Dora, em um caso paradigmático para o tratamento de histeria. No que ficou conhecido com o Caso Dora, Freud lhe questiona: "qual a sua participação na desordem de que se queixa?"<sup>105</sup>

O/a psicanalista dirige o tratamento, não o/a analisando/a. Incide na posição que o/a paciente ocupa na sua fala, no seu discurso. A presença do/a analista é aquilo que possibilita que essa experiência ocorra. O manejo da transferência, depois de vencidas as resistências no tratamento psicanalítico, é de suma importância, pois a transferência é uma condição fundamental para uma análise, visto o vínculo afetivo que se estabelece no processo analítico. A clínica psicanalítica é um aporte sobre a transferência, o que significa dizer que o/a analista

---

<sup>103</sup> VALLS, 1994. P. 61.

<sup>104</sup> LAPLANCHE, J e PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. P. 03.

<sup>105</sup> ZIMERMAN, 2001. P. 72 e 111.

faz uso de um lugar a ele/ela atribuído, de uma demanda a ele/ela endereçada, um lugar de grande importância, gerador de expectativas para quem está envolvido/a.<sup>106</sup>

A interpretação é tida como uma forma do/a analista intervir, visando deslocar, abalar certezas, equivococar, surpreender e abrir as portas para os outros sentidos. Freud alicerçou a matriz da interpretação inconsciente no complexo de Édipo<sup>107</sup>.

---

<sup>106</sup> VALENTE, N. **Mito, sonho e loucura**. São Paulo: Intermedial, 2007. P. 121.

<sup>107</sup> O verdadeiro complexo de Édipo consiste, no menino: na rejeição do pai e na identificação com a mãe; e na menina: na rejeição da mãe e na identificação com o pai. E isto, se alguma vez tem uma origem de afetividade morbosa de aspecto sexual, na maioria dos casos, se origina na afetividade defeituosa nascida na falsa educação e do mau comportamento dos pais. VALENTE, 2007. P. 79



### 3 ÉTICA PSICANALÍTICA

Neste capítulo serão aglutinados os assuntos tratados anteriormente, para então aprofundar sobre a necessidade da existência de parâmetros éticos antes, no decorrer e depois do tratamento psicanalítico. Como deveria ser a ética profissional e psicanalítica, segundo Sigmund Freud? Tem-se a ética profissional como o conjunto de normas éticas que formam a consciência do profissional e representam imperativos de sua conduta. Logo, o Código de Ética Profissional é o conjunto de normas que devem ser seguidas pelos profissionais no exercício de seu trabalho. Cada sociedade psicanalítica elabora seu próprio código, que representa e fiscaliza o exercício da profissão dos seus associados.<sup>108</sup>

#### 3.1 A ética na psicanálise

A psicanálise e a ética estão intimamente ligadas, a ponto de não ser possível imaginar o exercício clínico de uma psicanálise que, por parte do psicanalista, não esteja rigorosamente fundada no exercício da verdade, isto é, que o analista seja, de fato, uma pessoa verdadeira, que reconhece e respeita os seus pacientes e a si próprio; que reconhece os limites, as barreiras e diferenças, assim como as capacidades e potencialidades. Todavia, não é sempre que isso acontece tanto no âmago das instituições psicanalíticas como na prática de certos tratamentos classificados como sendo psicanalíticos.

Com relação às instituições psicanalíticas [...] ninguém contesta o fato de que frequentemente decisões, atitudes, julgamentos de certos colegas, de procedimentos e de transmissão de conhecimentos são tomados mais em relação de querelas narcisistas, disputas pelo poder, interesses pessoais, apropriação de ideias de outros, conchavos e por uma falsa moral, do que propriamente por razões de justiça e competência. Assim, de forma indireta, de forma consciente ou inconsciente, estão rompendo com uma verdadeira ética. Relativamente à quebra da ética que pode ocorrer no curso de uma análise, ela tanto pode acontecer de uma forma patológica extrema, como pode se manifestar de forma inaparente e sutil.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> Disponível em: < [www.significados.com.br/etica-profissional](http://www.significados.com.br/etica-profissional)>. Acesso em: 24 de março de 2016.

<sup>109</sup> ZIMERMAN, 2005. P. 311.



A ética em psicanálise está em não fazer promessas enganosas referentes a uma cura absoluta e total, pautada no bem-estar da pessoa. Um processo de análise é ético quando o/a analista não antecipa as respostas ao/à analisando/a, não atendendo a sua demanda, e este/esta se torna capaz de reconhecer qual de fato é o seu desejo, qual a origem de seu sofrimento e como esse está relacionado com suas escolhas na vida. Se lembrarmos de que, o inconsciente tem uma influência nas escolhas humanas, isso nos possibilitará usar a nossa potência criadora, e sermos seres éticos a partir de nossos desejos.

A verdade é inaceitável para aqueles que consideram apenas o campo da consciência. A verdade do sujeito é a de que há um mal-estar inerente à condição humana. A ideia freudiana deve ser entendida como um auxílio à compreensão do psiquismo humano. Se você falha no trabalho, ou no amor, não é rico, não é belo, ou mesmo que fosse dotado somente de qualidades, provavelmente, ainda você não seria feliz o suficiente. Então, a partir disso, é possível inferir que as falhas fazem parte da constituição psíquica das pessoas, e as terapias auxiliam a lidar diariamente com elas.<sup>110</sup>

O fazer em psicanálise tem uma ética própria, que no início deve ser sustentada pelo/a analista e ao final de uma análise deve alcançar também o/a paciente. A responsabilidade pelo desejo inconsciente que age em cada ser, o respeito pelas diferenças do outro e a capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, com certo grau de humor, são alguns exemplos de atitudes éticas que a psicanálise pode ajudar a conquistar.

Freud afirma que o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças. A ética despreza o fato de que tais diferenças são determinantes, e classifica as pessoas como sendo boas ou más. Não que Freud não considerasse a ética, ele apenas assume que as pessoas são muito complexas para serem avaliadas sob um único prisma.<sup>111</sup>

O pai da psicanálise ressalva que um dos erros que o/a analista não deve cometer é o de querer excessivamente o bem do paciente. Acreditava ser este um ato perigoso, tanto para o psiquismo do/a paciente, quanto para o seu próprio. Pois,

---

<sup>110</sup> ROSA, M. I. P. D; ROSA, A. C. A Ética na psicanálise. **Akrópolis**, Umuarama: V. 17, n°. 1, jan./mar. 2009. P.42.

<sup>111</sup> RINALDI, D. O inconsciente é ético. **C. da APPOA**, Porto Alegre: N°. 104, julho 2002. P. 25-28.

por exemplo, o comportamento de ambos pode tornar infrutífera a análise, interrompendo-a.

Dizer que a ética está além do mal na psicanálise significa dizer que, quando alguém busca análise, o/a analista ocupa um lugar privilegiado, sendo capaz de suprir a falta, de aliviar a total angústia do ser. O/A analista, como já afirmado, não pode prometer a cura total e absoluta, muito mais fazer crer que detém todas as respostas sobre o mal que aflige os/as pacientes. Caso aja assim, além de ser taxado de antiético conforme parâmetros do código de ética da sociedade da qual é afiliado, pode causar inúmeros malefícios à vida psíquica e física das pessoas.

Assim, há ética na proposta de aliviar o sofrimento através de um tratamento que visa à mudança de posição subjetiva pelo trabalho, de modificação dos registros da satisfação pulsionais. Ou seja, ao considerarmos o inconsciente como um guia das escolhas humanas e inerente a todo mundo, será possível para o ser humano usar a sua potência criadora, podendo ser ético a partir de seu desejo, o qual está situado no campo do inconsciente e só pode ser reconhecido através do discurso falado.

### **3.2. Ética psicanalítica**

A psicanálise introduziu um conceito novo, o inconsciente, que limita o poder soberano da razão e da consciência, além de descortinar a sexualidade como forma determinante de nossa existência, nosso pensamento, nossa conduta. No caso da ética, a descoberta do inconsciente traz consequências graves tanto para as ideias de consciência responsável e vontade livre, quanto para os valores morais. De fato, se, como revela a psicanálise, somos nossos impulsos e desejos inconscientes, e se esses desconhecem barreiras e limites para a busca da satisfação e, sobretudo, se conseguem a satisfação burlando e enganando a consciência, como, então, manter, por exemplo, a ideia de vontade livre que age por dever? Por outro lado, se o que se passa em nossa consciência é simples conteúdo disfarçado, causas inconscientes reais e escondidas, como falar de consciência responsável? Como a consciência poderia se responsabilizar pelo que desconhece e que jamais se torna consciente? Como aplicar as leis moral e eticamente em um sujeito que argumenta que estava sob o comando do seu inconsciente, enquanto cometia algum ato atroz?

É extremamente relevante a influência de todos estes fatos nos valores éticos e morais. Ao invés de surgir como expressão de finalidades, propostas por uma vontade boa e virtuosa que deseja o bem, os valores e fins éticos surgem como regras e normas repressivas que devem controlar os desejos e impulsos inconscientes. Isso coloca dois problemas éticos novos. O primeiro, como falar em autonomia moral, se o dever, os valores e os fins são impostos ao sujeito por uma razão oposta ao inconsciente e, portanto, oposta ao ser real? A razão não seria uma ficção e um poder repressivo externo e incompatível com a definição de autonomia? Em segundo lugar, visto que os desejos inconscientes se manifestam por disfarces, como a razão poderia pretender controlá-los sob o dever e a virtude, se não tem acesso a eles?

A psicanálise mostra que somos resultados e expressão de nossa história de vida, marcada pela sexualidade insatisfeita, que busca satisfações sem jamais poder satisfazer-se plenamente. Não somos autores nem senhores de nossa história, mas efeitos dela e nossos atos são efetivações inconscientes, de motivações sexuais que desconhecemos e que tendemos a repetir continuamente.<sup>112</sup>

Do ponto de vista do inconsciente, atos como roubar, matar e mentir são considerados amorais, porque o inconsciente desconhece valores morais. Em diversas ocasiões, condutas que a moralidade julga imorais são realizadas como autodefesa do sujeito, que os emprega para defender a sua integridade psíquica que considera ameaçada. Apesar de poderem ser classificados como atos moralmente condenáveis, possam também ser necessários, se seguirmos a lógica do psiquismo. Então questionamos, nesse caso, como julgá-los e condená-los moralmente?

Ao fazer uma interpretação parcial da psicanálise, considerando apenas esse aspecto da sua grande descoberta, também precisamos relevar outro que lhe é essencial. De fato, a psicanálise encontra duas instâncias ou duas faces antagônicas no inconsciente: o id ou libido sexual em busca da satisfação, e o superego ou censura moral, interiorizado pelo sujeito, que absorve os valores de uma sociedade.<sup>113</sup>

Se o psiquismo humano é um campo de batalha inconsciente entre desejo e censuras, onde cada uma das três instâncias (id, ego e superego) atua de maneira

---

<sup>112</sup> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**. São Paulo – SP: Moderna, 1998.

<sup>113</sup> SZASZ, Thomas S. **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

diferente, então, imagine como esse fato pode repercutir no comportamento e escolhas humanas? As escolhas que faz realmente refletem totalmente quem uma pessoa é? O id, aquela parte que não conhece limites e nem fronteiras e que ama o proibido, o superego, imagina-se o mais amado por conseguir ser cada vez mais repressor ao id. A terceira estância, o ego, é quem sofre as influências oriundas da parte vencedora da batalha diária que ocorre no psiquismo humano. Vencedor é o superego que destrói e controla o sujeito. Neuroses e psicoses<sup>114</sup> são causadas tanto por um id extremamente forte e um superego fraco, quanto por um id fraco e um superego extremamente forte. A batalha interior só pode ser decidida em nosso proveito, por uma terceira instância: a consciência (ego). Defender a existência do inconsciente não quer dizer que é preciso esquecer a consciência, abandonando-a como algo ilusório ou inútil. A psicanálise não é somente uma teoria sobre o ser humano, ela é antes de tudo uma terapia para auxiliar o sujeito na busca do autoconhecimento, auxiliando-o a lidar com os conflitos do cotidiano.

Tarachow (1963) salientou [...] que a psicanálise seria aquele tratamento onde a transferência, repressão e outras defesas do ego e resistências, são todas livremente submetidas à análise e solucionadas até onde seja exigido para a tarefa de lidar com os conflitos intrapsíquicos infantis e sintomas derivados [...]” Uma definição mais simples seria: “a psicanálise é aquele tratamento que considera a transferência como uma resistência<sup>115</sup> [...]” (Polígrafo da SPOB RS – Psicoterapia psicanalítica, p. 18)

No caso específico da ética, a psicanálise mostrou que uma das fontes dos sofrimentos psíquicos, causa de doenças e perturbações mentais e físicas, é o rigor excessivo do superego, ou seja, de uma moralidade rígida que produz o ideal de ego<sup>116</sup> (valores e fins éticos). Quando uma sociedade reprime os desejos inconscientes, de tal modo que não é possível encontrar meios imaginários e

---

<sup>114</sup> **Neurose:** Distúrbio funcional do sistema nervoso, de origem psicogênica, diferenciado de forma pouco precisa de psicose; encarado pelos psicanalistas como um fenômeno gerado pelo conflito, envolvendo a frustração de um impulso instintivo.

**Psicose:** Estado mental anormal ou patológico, constituindo uma doença específica; o termo era aplicado para se referir a qualquer estado ou processo mental como um todo; a psicose degenerativa é um tipo de psicose onde há a perda progressiva das funções mentais. OSBOURNE, 2002. P. 175.

<sup>115</sup> **Polígrafo da SPOB** – Psicoterapia psicanalítica, Porto Alegre: 2010. P. 18.

<sup>116</sup> Os psicanalistas usam este conceito em um sentido mais objetivo e restrito, referindo-se a parte da pessoa que, mais superficial, está em contato direto com a realidade externa, é consciente, incluindo, portanto, a representação da realidade fornecida pelos sentidos. Ele existe no pré-consciente sob a forma de memórias juntamente com os impulsos e influências que foram aceitas e estão sob controle. OSBOURNE, 2002. P. 174.

simbólicos de expressão (sublimação<sup>117</sup>), quando os censura e condena de tal forma que nunca possam manifestar-se, preparam o caminho para duas alternativas distantes da ética: ou a transgressão violenta de seus valores pelo sujeito reprimido, ou a resignação passiva de uma coletividade neurótica, que confunde neurose e moralidade. Em outras palavras, em lugar da ética, há violência; por um lado violência da sociedade que exige dos sujeitos padrões de conduta impossíveis de serem realizadas e, por outro lado, violência dos sujeitos contra a sociedade, pois somente transgredindo e desprezando os valores estabelecidos poderão sobreviver. “O que a psicanálise propõe para uma nova moral? A proposta é a de que se harmonize, tanto quanto possível, os desejos inconscientes, as formas de satisfazê-los e a vida social”.<sup>118</sup> “Somos eticamente livres e responsáveis, não porque podemos fazer tudo quanto queremos, nem porque queremos tudo quanto podemos fazer, mas porque aprendemos a discriminar as fronteiras entre o permitido e o proibido”<sup>119</sup>, tendo como critério ideal a ausência da violência interna e externa.

O vasto desenvolvimento da psicanálise levou a uma nova concepção de moral cada vez mais orientada na direção do ser humano concreto, com ênfase nos valores da vida e da espontaneidade, o que certamente auxiliou na superação de conceitos e comportamentos hipócritas, bem como na valorização do corpo físico e das paixões.

Se por um lado isso foi saudável, já que a repressão sempre desencadeia forças doentias de comportamento, por outro dificultou para muitos (embora não propriamente para Freud e os psicanalistas). É nesse sentido que o próprio Freud termina a quarta lição da sua famosa obra *Cinco lições de Psicanálise*<sup>120</sup>, com a

---

<sup>117</sup> Conceito que aparece com frequência na literatura psicanalítica de todos os tempos, porém ainda não adquiriu uma definição precisa e uniforme. Assim, nas suas primeiras formulações, Freud usou esse termo para designar algumas atividades humanas bem sucedidas, principalmente no campo artístico, no trabalho intelectual e de obtenção de reconhecimento público em geral, que aparentemente não teria nenhuma relação direta com a sexualidade. ZIMERMAN, 2001. P. 396.

<sup>118</sup> **Polígrafo da SPOB**, 2010. P.45.

<sup>119</sup> VALLS, 1994. P. 59-61.

<sup>120</sup> As **Cinco Lições de Psicanálise** compreendem uma síntese de cinco palestras ministradas por Sigmund Freud (1856 – 1939), em setembro de 1909, durante as comemorações do vigésimo aniversário da Fundação da *Clark University*, localizada em *Worcester, Massachusetts* – EUA. Nesse evento, Freud tem o desafio de trazer para uma classe não médica – principal público que vinha aderindo à psicanálise até o momento – os principais conceitos de sua teoria, esta ainda vinha sofrendo fortes críticas pela sociedade tradicionalista de Viena daquele período. Transformada em uma compilação textual foi dividida em cinco partes que tratam da história e fundação da Psicanálise. Freud trata do processo psicanalítico com relatos precisos de casos clínicos, narrando

seguinte observação: “Se quiserem, podem definir o tratamento psicanalítico como simples aperfeiçoamento educativo destinado a vencer os resíduos infantis.”

Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, aquele que distingue a diferença entre o bem e o mal, o certo e o errado, o permitido e o proibido, a virtude e o vício. A consciência moral, além de conhecer tais diferenças, ainda se classifica como capaz de julgar o valor dos atos e das condutas, além de agir em conformidade com os valores morais. Sendo então responsável por suas ações e seus sentimentos, pelas consequências do que faz e sente, o ser humano precisa estar consciente para ser ético. Alguns pensadores, como São Tomás de Aquino, consideravam a importância fundamental da consciência moral, que seria caracterizada como “aquela voz interior que nos diz que devemos fazer, em todas as ocasiões, o bem e evitar o mal”. Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.<sup>121</sup>

A consciência moral manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante das alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas, antes de lançar-se na ação. A vontade é esse poder deliberativo e decisório do agente moral. Para que exerça tal poder sobre o sujeito moral, a vontade deve ser livre, não podendo estar submetida à vontade de outra pessoa, nem estar submetida aos instintos e às paixões. Invés disso, ela deve ter poder sobre tudo.<sup>122</sup>

O campo ético é, assim, constituído por valores e pelas obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, as virtudes, realizadas pelo sujeito moral, principal constituinte da existência ética. O sujeito ético ou moral, isto é, a pessoa, só pode existir se preencher certas condições: ser consciente de si e dos outros, isto é, ser capaz de reflexões e de conhecer a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a ele; ser dotado de vontade, isto é, de capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, sentimentos e de capacidade para deliberar e decidir dentre várias alternativas possíveis; ser responsável, ou seja, conhecer-se como autor da ação, avaliar os efeitos e consequências dela sobre si e sobre os outros, assumi-la bem como as suas consequências, respondendo por elas; ser livre, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos, atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constringam a sentir, a querer

---

sistematicamente como se deu o desenvolvimento de sua teoria e técnica. Disponível em:< [www. 5 Lições de Psicanálise\\_ um retorno à gênese freudiana.html](http://www.5LiçõesdePsicanálise_umretornoàgênesefreudiana.html).> Acesso em junho de 2016.

<sup>121</sup> VALLS, 1994. P. 60.

<sup>122</sup> CHAUÍ, 2000. P. 436 -45.

e a fazer alguma coisa. A liberdade não é tanto o poder para escolher entre inúmeros possíveis, mas o poder para autodeterminar-se, dando a si mesmo as regras de conduta.

Consequentemente, embora toda a ética seja universal do ponto de vista da sociedade que a instituiu, esta é uma relação com o tempo e a história, transformando-se para responder a exigências sociais e culturais, visto que somos seres históricos e culturais e nossa ação se desenrola no tempo.

Verificando e reconhecendo o sujeito que busca tratamento, o analista pode definir e apresentar padrões éticos que serão colocados em prática no decorrer do tratamento psicanalítico.<sup>123</sup>

### 3.3 Código de ética profissional

Dada à relevância do código de ética profissional da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), os psicanalistas vinculados a esta sociedade devem usá-lo com obrigatoriedade, seguindo o juramento proposto no decorrer de sua caminhada profissional. Então, é necessário que, nesta dissertação, seja apresentada a íntegra do mesmo, como vemos a seguir:<sup>124</sup>

#### I – Da Denominação

**Art. 1º** - Sob a denominação de código de ética profissional dos psicanalistas da SPOB, é aprovado pela Assembleia Geral da Sociedade Psicanalista Ortodoxa do Brasil, o instrumento que disciplina todos os aspectos da vida profissional e conduta dos psicanalistas membros da mesma.

**Parágrafo único** – O presente código de ética profissional será, doravante, neste código, denominado apenas por código de ética.

---

<sup>123</sup> Por ser psicanalista formada através da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), em meus atendimentos respeito os ditames do código de ética profissional da sociedade supramencionada.

<sup>124</sup> Código de ética aprovado pela AGE da SPOB, em 19 de setembro de 1994 e reformado pela AGE em 16 de maio de 2005.

## **II- Dos Objetivos:**

**Art. 2º** - A ética psicanalítica postulada no presente código de ética é fundamentada nos princípios da filosofia universal, nos seus capítulos específicos.

**Art. 3º** - Os objetivos éticos da psicanálise serão sempre “tornar o inconsciente consciente” e “buscar a verdade, tão somente a verdade e nada mais que a verdade”.

**Art. 4º** - A ética psicanalítica não copia outras éticas, pelo fato de a psicanálise ter uma visão do homem diferenciada de todas as outras ciências, tem objetivos diferentes e empregam meios ou metodologias igualmente diversas das demais ciências no que concerne à abordagem humana.

## **III- Das Atribuições:**

**Art. 5º** - São princípios éticos, que os psicanalistas estão obrigados a cumprir e fazer cumprir:

1. Obediência à filosofia e pensamento psicanalítico ortodoxo (freudismo), sem abandonar os demais segmentos da psicanálise.

2. Cumprir e fazer cumprir todas as normas emanadas da sociedade, bem como as de sua Comissão de Ética;

3. Seguir as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Deliberativo desta Sociedade ao abrigo do previsto nos estatutos da SPOB, bem como normas aprovadas pelas respectivas Assembleias;

4. Contribuir e participar das atividades de interesse da classe psicanalítica;

5. Desempenhar, com dedicação, dignidade, seriedade e interesse a sua profissão;

6. Orientar-se ao exercício de sua profissão, pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Assembleia Geral da ONU, em 10 de dezembro de 1948 e pela Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 5º, II e XIII e pela CBO (Classificação Brasileira de Ocupações, Portaria de número 397/TEM; Ministério do Trabalho e Emprego), de 09 de outubro de 2002 sob o número 2515-50;

7. Utilizar em sua profissão, principalmente, os princípios psicanalíticos Freudianos, sem abordar demais correntes psicanalíticas;



8. Respeitar todos os credos e filosofias de vida, sem restrição;

9. Desempenhar sua profissão sem que venha inculcar quaisquer tipos de ideias ou ideologias em seus pacientes, mesmo que tais ideias pareçam as melhores deste mundo;

10. Buscar constantemente o desenvolvimento psicanalítico, participando de cursos de pós-graduação, especialização, de congressos e afins realizados;

11. Buscar a ampliação do horizonte cultural através de leituras e estudos de ciências afins e demais correntes psicanalíticas, que se relacionam com a psicanálise ortodoxa;

12. Ter comportamento absolutamente neutro, não fazendo com qualquer tipo de julgamento de atitudes, palavras, comportamentos, etc., diante dos problemas apresentados pelos pacientes.

#### **IV – Sigilo profissional:**

**Art. 6º** - O psicanalista está obrigado a guardar sigilo profissional nos seguintes termos:

1. Sigilo profissional terá caráter absoluto dentro das atividades profissionais;

2. O psicanalista não pode divulgar, em particular ou em público, quaisquer informações que tenham origem de palavras dos pacientes, mesmo que esses tenham dito que não eram segredáveis;

3. O psicanalista não pode informar a outro profissional, mesmo que seja psicanalista, sobre qualquer referência a respeito do paciente e de seu estado de saúde, sem que haja autorização por escrito do mesmo;

4. O psicanalista não pode fazer menção do nome de seus pacientes, mesmo quando apresentando casos clínicos, ainda que os pacientes autorizem;

5. Sempre que o psicanalista apresentar um caso clínico em alguma atividade acadêmica (palestras, aulas, conferências, congressos, etc) o fará sob pseudônimo;

6. O psicanalista não pode apresentar, mesmo sob pseudônimo, um caso clínico de alguém presente na palestra ou conferência, ressalvando o fato do paciente o ter autorizado por escrito;

7. O psicanalista não pode identificar o paciente ou ex-paciente como tal diante de terceiros;

8. O psicanalista está proibido de comentar sobre pacientes, mesmo com pessoas de sua intimidade, como esposa, filhos e etc.;

9. O psicanalista não pode comentar casos de pacientes com outros pacientes, mesmo com a intenção de encorajá-los, pois isto tanto foge da técnica quanto amedronta ao paciente;

10. O psicanalista, se tiver por costumes fazer anotações das seções, está obrigado a ter cuidado absoluto, garantindo que ninguém delas tome conhecimento, sendo de bom alvitre que anote sob certas condições ou adote pseudônimos para os pacientes (na ficha);

11. O psicanalista tem o dever de comunicar ao seu respectivo Conselho toda e qualquer informação sobre colegas de sua Sociedade que estejam infringindo quaisquer princípios éticos ou se conduzindo aleivosamente;

12. Em caso de solicitação policial, ou judicial, na qual a autoridade peça informação sobre alguma fala ou fato conhecido de qualquer paciente, vivo ou morto, o psicanalista só poderá informar, após a consulta a sua Sociedade e ao paciente, se vivo, e mesmo assim se tal informação trouxer benefício para o paciente ou a sua família;

13. Em caso de pressão da autoridade para que seja revelado algum conteúdo que não venha a beneficiar ao paciente ou sua família, o psicanalista terá que silenciar em nome da ética.

## **V – Das atribuições da ética institucional:**

**Art. 7º** - São atribuições do Conselho Deliberativo e da Diretoria Executiva da SPOB sobre os psicanalistas filiados, o seguinte:

1. O Conselho Deliberativo citado no “caput” deste artigo está obrigado a instaurar sindicância sob qualquer denúncia feita contra psicanalistas membros, tanto por colegas ou terceiros, representando contra o mesmo perante o Conselho Deliberativo, sendo tais sindicâncias constituídas de no mínimo por três psicanalistas, no gozo de suas prerrogativas;

2. As sindicâncias assim instaladas para a apuração de denúncias contra psicanalistas ou serão por ato inscrito do presidente do respectivo Conselho Deliberativo Nacional da SPOB;

3. O prazo dado à Comissão de Sindicância para averiguações será de trinta dias, prorrogáveis igualmente por escrito, desde que solicitado pelo relator, por mais trinta dias;

4. A Comissão de Sindicância terá um relator nomeado pelo presidente do Conselho Deliberativo, dentre os componentes da Comissão em questão;

5. A Comissão de Sindicância terá que reunir todas as informações possíveis, ouvir testemunhas, etc, e, sobre tudo, tomar o depoimento do psicanalista denunciado;

6. A Comissão, depois de tomadas todas as providências como Sindicância, fará um relatório detalhado de todas as informações e constatações, opinando sobre a culpabilidade ou isenção da mesma;

7. A Comissão de Sindicância, encerrados os trabalhos de levantamento de dados e depoimentos, terá quinze dias para entregar, em forma de processo, os autos ao presidente do respectivo Conselho Deliberativo;

8. De posse dos autos da Comissão de Sindicância, o presidente do Conselho Deliberativo convocará uma reunião da Comissão de Ética do mesmo, que apreciará o relatório da Comissão de Sindicância e tomará as seguintes medidas:

a) Em caso de improcedência das acusações feitas, a Comissão de Sindicância aconselhará ao presidente do Conselho Deliberativo quanto ao arquivamento da mesma;

b) Em caso de procedência das acusações, não sendo as tais graves o bastante que demandem punição suspensiva, a Comissão de Ética poderá emitir um ofício ao psicanalista com caráter de orientação e de censura reservada;

c) Em caso de procedência das acusações, sendo as tais graves o bastante que demandem punição suspensiva, a Comissão de Ética fará um relatório sugerindo as medidas cabíveis e solicitará ao presidente do Conselho Deliberativo, a convocação de uma reunião plenária da Assembleia Geral Extraordinária, para apreciar o mesmo e sobre o assunto, e deliberar;

d) O Conselho Deliberativo, por decisão plenária por maioria absoluta de votos presentes, poderá excluir o psicanalista do seu quadro de psicanalistas credenciados, impedindo-o de clinicar definitivamente sob seus auspícios;

f) A convocação de que trata o Art. 7º, número 8 letra C do Código de Ética será feita pelo presidente do Conselho Deliberativo com o prazo de trinta dias, mediante a convocação por escrito a todos os membros;

g) Na reunião plenária do Conselho Deliberativo será dado amplo direito de defesa ao psicanalista objeto da acusação;

h) A decisão do Conselho, nos casos de punição e suspensão temporária ou definitiva, será tomada após duas reuniões em que todos os trâmites sejam respeitados;

i) Caberá ao (s) acusado (s) recursos junto ao Conselho Deliberativo da SPOB, ao qual estão sujeitos todos os psicanalistas, que poderá confirmar ou reformar as decisões tomadas;

j) O Conselho Deliberativo da SPOB respeitará, igualmente, o estabelecido no Art. 7º número 8, letra "I" deste Código de Ética;

k) Em caso de suspensão definitiva, com cassação do registro de psicanalista da SPOB, o Conselho Deliberativo da SPOB, no caso de ter havido recurso, após a decisão publicada, em jornal de circulação regional (estado em que fixar residência);

l) Em todos os demais casos de punição, será obedecido o critério de confiabilidade;

## **VI – Da disciplina social, das penalidades e dos recursos:**

**Art. 8º** - O conselho Deliberativo, por decisão plenária tomada por maioria simples de votos, poderá tomar as seguintes deliberações:

### **1) Advertência verbal ao psicanalista;**

### **2) Advertência por escrito;**

As penas de advertência verbal ou escrita serão aplicadas a critério da Diretoria Executiva, cabendo ao associado, após a ciência da pena, pedido de reconsideração ao Conselho Deliberativo no prazo de 10 (dez) dias a contar da data da ciência;

Das penas aplicadas pelo Conselho Deliberativo; cabe pedido de revisão no prazo de 15 (quinze) dias, para ser julgado em Assembleia Geral especialmente convocada para esse fim, devendo o associado, ou o seu procurador devidamente constituído, ser intimado do local, dia e hora, para fins de querendo, promover a defesa, cabendo à Assembleia decidir através de decisão fundamental pela maioria absoluta dos presentes;

### **3) Suspensão de no mínimo 30 (trinta) dias e no máximo 180 (cento e oitenta) dias;**

1. A pena de suspensão do psicanalista do exercício profissional será aplicada pelo Conselho Deliberativo, por maioria absoluta, impedindo-o de clinicar, de no mínimo 30 (trinta) dias e no máximo por 180 (cento e oitenta) dias.

2. Estabelecer o processo de reabilitação ao psicanalista que for suspenso do exercício da psicanálise por período igual ou superior a seis meses.

### **4) Eliminação do quadro social.**

As penas de eliminação do quadro social serão aplicadas pelo Conselho Deliberativo, por maioria absoluta dos presentes, impedindo-o de clinicar definitivamente sobre os seus auspícios, reservando ao associado o direito de promover sua ampla defesa em dia e hora designada para estes fins:

Serão excluídos do quadro de sócios da SPOB, os que:

1. Deixarem de saldar os compromissos assumidos com a SPOB, num prazo máximo de noventa dias;

2. Os que tenham prestado falsas declarações, que possam acarretar qualquer dano moral ou material à SPOB;

3. O que usar indevidamente a sede e suas dependências, e ainda o nome da SPOB, para fins escusos;

4. Que subscrever e não efetuar o pagamento integral do valor total de sócio proprietário assim como as anuidades, as taxas de manutenção e conservação fixadas no Conselho Deliberativo;

5. O psicanalista em qualquer grau de sócio que praticar conduta desonrosa no exercício da psicanálise ou cometer falta grave prevista no Código de Ética da Sociedade;

6. Ou por sua iniciativa própria a pedido do interessado, mediante requerimento ao presidente da SPOB, que será submetido ao Conselho Deliberativo.

## **VII – Direitos profissionais:**

**Art. 9º** - São direitos do psicanalista:

1. Recusar pacientes com patologia estrutural;

2. Recusar paciente não analisável;

3. Recusar paciente com patologia neurológica que inviabilize o tratamento psicanalítico;

4. Recusar conduzir qualquer processo de tratamento psicanalítico, mesmo os que não enquadrados nos itens anteriores ou que não firam leis ou normas desta sociedade, mas que estão em desacordo com sua consciência;

5. Recusar paciente que lhe esteja vinculado por laços de amizade ou parentesco;

6. À luz do contrato analítico, cobrar e receber remuneração justa pelos seus serviços, sempre dentro da ética profissional;

7. Não fornecer, quando for o caso, o seu endereço e o seu telefone particular.

### **VIII – Direitos dos pacientes:**

**Art 10 –** São direitos do paciente:

1. Direito de desconfiar do psicanalista;
2. Direito de escolher livremente o seu psicanalista;
3. Direito de em qualquer tempo, de modo unilateral, encerrar o tratamento;
4. Direito de encerrar livremente a resistência;
5. Direito de exigir o cumprimento do contrato analítico, no que lhe diz respeito na íntegra;
6. Direito de não aceitar mudança de horário, ao capricho do psicanalista;
7. Direito de falar ou ficar calado no tempo que lhe pertence;
8. Direito de recibo pelos honorários honrados.

### **IX- Responsabilidades do psicanalista:**

**Art. 11 –** São responsabilidades básicas do psicanalista:

1. Encontrar-se devidamente registrado na sua sociedade;
2. Estar em dia com a anuidade correspondente, cobrada pela sociedade na qual esteja filiado (SPOB);
3. Encontrar-se devidamente registrado na municipalidade, com alvará e demais impostos devidos honrados;

4. Desempenhar os seus serviços psicanalíticos em consultório devidamente instalado, com ambiente de qualidade e divã adequado;
5. Apresentar-se em indumentária de fino trato, com postura e alinhamento próprios de um profissional de nível;
6. Empregar terminologia de qualidade, nunca se expressando com palavras de baixo calão, em ambiente privado ou público;
7. Ter vida moral e familiar ilibada perante a sociedade;
8. Se professar alguma religião ou seguir determinada ideologia, que o faça de modo educado, pacífico e polido, sem se tornar pivô de contrariedades públicas;
9. Se exercer outra profissão, aproveitar-se-á dela para dignificar a psicanálise, abrindo portas para seu crescimento (da psicanálise), dos colegas, além do seu próprio;
10. Ser defensor público dos princípios e teorias da psicanálise ortodoxa, e das demais correntes psicanalíticas que se relacionam com a psicanálise.

#### **X – Impedimentos:**

##### **Art. 11 - É vetado ao psicanalista:**

1. Obter vantagem física, religiosa, política, amorosa, financeira e emocional do paciente, no decorrer do tratamento psicanalítico que ministre;
2. Invadir o pudor moral da pessoa por ele atendida;
3. Se utilizar de títulos que não possua;
4. Se utilizar de técnicas alheias e estranhas à psicanálise ortodoxa, por quaisquer motivos, mesmo os mais louváveis;
5. Insistir com o paciente quanto à infalibilidade de sua interpretação;
6. Transferir suas obrigações profissionais, por quaisquer motivos, a outro profissional, mesmo psicanalistas;
7. Fazer qualquer tipo de julgamento de atitudes, palavras, comportamento e etc.;
8. Aconselhar, sob qualquer pretexto;
9. Induzir;
10. Encorajar;
11. Desaconselhar, etc.

## **XI- Relações inter-multi-profissionais**

**Art. 12** – O psicanalista sempre se portará favoravelmente quanto aos seus colegas de profissão, mesmo de outras sociedades.

**Parágrafo Único** – No caso do psicanalista não poder falar bem de um colega, cale-se tão somente.

**Art. 13** – O psicanalista nunca desacreditará o médico, valorizando sempre o seu trabalho, não tendo, contudo, que aceitar os seus diagnósticos equivocados, quando for o caso.

**Art. 14** – O psicanalista, sempre que necessário ou se lhe oferecer oportunidade, esclarecerá que sua profissão não é a mesma que psicologia ou medicina, contudo não a desvalorize perante a psicanálise.

**Art. 15** – O psicanalista não polemizará, em nenhuma hipótese, com clérigos e afins.

**Art. 16** – Quando o paciente apresentar patologia diversa de que trata a psicanálise, o psicanalista encaminhará, após esclarecimentos, o paciente, preferencialmente, a um profissional já da confiança do paciente ou que ele já conheça.

## **XII – Psicanálise e justiça**

**Art. 17** – Diante das autoridades judiciais e policiais, o psicanalista se portará do seguinte modo:

1. Além dos casos já enquadrados no capítulo do sigilo (nº 12 do Art. 6º) nunca se apresente para testemunhar contra pacientes atuais ou antigos;

2. Nunca forneça as anotações que tenha sobre o paciente, mesmo sendo para a sua ajuda;

3. Em caso de colaborar com a justiça e ou polícia para beneficiar o paciente, de acordo com o já estabelecido nesse código de ética, que o faça verbalmente;

4. Nunca se pronuncie sobre crimes e fatos sociais graves como cidadão comum, sendo necessário a ele se refira na ótica psicanalítica;

5. Nunca exerça julgamento de pessoas, fatos ou fenômenos especialmente em público ou pela imprensa.



### **XIII – O psicanalista e outros movimentos**

**Art. 18** – O psicanalista, diante de terapias alternativas e ou movimentos holísticos, portar-se-á do seguinte modo:

1. Não polemize com ninguém contra ou a favor de nenhuma delas;
2. Respeite a todas, como manifestação das capacidades humanas;
3. Não as desacredite nem as aconselhe, nem público nem de modo privado;
4. Não se envolva, nem as pratique em hipótese alguma que possa parecer associação da psicanálise às tais;
5. Não encaminhe, em nenhuma hipótese, pacientes para as tais;
6. Evite utilizá-las para seu próprio tratamento caso isto tenha possibilidade de tornar-se público.

### **XIV – Honorário**

**Art. 19** – O psicanalista diante da questão intercâmbio de tempo e dinheiro, conhecido como honorários, portar-se-á do seguinte modo:

1. O psicanalista deve cobrar o máximo por sessão, que seja compatível com a condição socioeconômica do paciente;
2. O psicanalista não pode, em nenhuma hipótese, tratar qualquer paciente gratuitamente;
3. O psicanalista não pode perdoar dívidas do paciente;
4. O psicanalista não pode usar o constrangimento do cheque pré-datado por sessões ainda não realizadas;
5. O psicanalista deve cobrar as sessões por períodos mensais, previamente estabelecidos no contrato analítico;
6. O psicanalista não pode demonstrar preocupação com a questão dos honorários, além da estabelecida no contrato analítico;
7. Cabe ao psicanalista propor o preço por sessão e ou aceitar a contra proposta vinda do paciente, nunca quando a níveis ridículos, abaixo do mínimo razoável.

**Parágrafo Único:** A Sociedade Psicanalista Ortodoxa do Brasil pode estabelecer um preço médio por sessão, vigente por regiões ou estados para funcionar como referencial.

## **XV – Disposições transitórias**

**Art. 20** – O Conselho Deliberativo poderá baixar normas complementares a este código de ética, sempre o fazendo através de Resoluções ou Pareceres.

**Art. 21** – O presente Código de Ética poderá ser alterado no todo ou em parte, pela Assembléia Geral Extraordinária da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, por convocação estatutária específica.

**Art. 22** – Os casos omissos serão objeto de resolução do Conselho Deliberativo da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil.

### **3.4 Considerações sobre o Código de Ética profissional**

Freud tinha se revelado um espírito analítico e teórico, mais do que sintético e prático. Faltou-lhe uma obra final que sintetizasse e reunisse em uma unidade toda a sua produção, espalhada numa imensidão de escritos, com múltiplos somatórios, emendas, correções, substituições e inclusive contradições, que deram origem às mais diversas interpretações. Foi assim, considerando seus escritos, que os psicanalistas do mundo todo aumentaram ainda mais essa confusão, contribuindo com as mais variadas opiniões.

Ao lado de grupos de discípulos ortodoxos que idolatravam Freud, outros grupos dissidentes da linha geral Freudiana foram surgindo, fazendo a psicanálise por vezes progredir e por vezes regredir, tanto no sentido terapêutico quanto no analítico.

Da maneira como hoje se pratica e ensina a psicanálise no mundo inteiro, não podemos falar de uma psicanálise tipicamente e exclusivamente Freudiana, mas de um movimento multiforme e diversificado. Temos mais de quinze escolas, diferentes ou contrárias, que se digladiam entre si, criticam e menosprezam umas às outras, chamando de herege quem não segue sua perspectiva, e apregoando seus

próprios métodos, com teorias diversas, tanto no reino teórico, quanto no terapêutico.

A confusão no mundo psicanalítico é tão grande que, apesar dos indiscutíveis méritos científicos de Sigmund Freud e de suas inestimáveis contribuições ao progresso da ciência psicológica, é compreensível que o mundo dos/as leigos/as e não leigos/as expresse perplexidade e até descrença devido a diversas discrepâncias. Assim sendo, é necessária a existência de um parâmetro a ser seguido pelas escolas e profissionais que difundem o conhecimento psicanalítico. Em seus ensinamento e obras, o próprio Sigmund Freud declarava ser relevante a existência de um órgão regulador relacionado à psicanálise, onde estariam regras de conduta, técnica e instruções sobre o *setting* ideal para a análise, dentre outros parâmetros a serem seguidos pelo verdadeiro praticante da psicanálise.

### **3.5 Propostas de Freud para um possível Estatuto do psicanalista**<sup>125</sup>

Em função das divergências já mencionadas e até mesmo das interpretações errôneas acerca da psicanálise, Sigmund Freud previu a necessidade de critérios que definissem o que era realmente aceito na psicanálise por ele criada. Como o movimento psicanalítico atingiu vários países do mundo, supõe-se que muitos questionamentos sobre do que era proposto de fato foram levantados, e dúvidas a respeito do que era realmente passado por Freud surgiram. Não podemos deixar de lembrar que, na época do nascimento da psicanálise, não havia internet e comunicação por correio eletrônico, o conteúdo muitas vezes era passado através de correspondências que demoraram meses para chegar, sem mencionar as cartas que eram extraviadas e nunca chegavam ao seu destino.

A fim de destacar e diferenciar a psicanálise iniciada por Freud, dentre os novos segmentos ou dos charlatães e/ou incompetentes que apareceram com o passar do tempo, crê-se na necessidade de uma espécie de estatuto que guie os

---

<sup>125</sup> REVISTA Psyché, Dr. Logre; Exercice illegal de La médecine. N° 53, p. 130-139.

REVISTA Psyché, Dr. R.M. Lindner: Qui do exercer La psychotérapie. N° 56, p. 322-332.

REVISTA Psyché, Dr. C.H Baudoin: Propos du champ et de La charrue. N°s 81 e 82, p. 372-381.

Revista Psyché, Dr. Logre: Psychanalyse et médecin. N° 87, páginas 1-7. Revista Psyché, Dr. M. Choisy: Psyché fait de La point. N° 92, p. 289-297. Inauguration de l'institute de Psychanalyse, da Revue Française de Psychanalyse XVIII (abril/junho de 1954). P. 161-176 *apud* Polígrafo da SPOB, 2010.

reais seguidores da psicanálise freudiana. A grande dificuldade, no entanto, está em saber em que condições o/a psicanalista (médico/a ou não) poderia ser qualificado como realmente competente. Primeiramente, serão levadas em consideração as principais observações e sugestões de Freud sobre termos que o próprio considerava relevantes, sem fixar-se nas convenções internacionais. Algumas das questões levantadas são:

1. A psicanálise não é uma especialização médica: ela faz parte da psicologia, mas não constitui toda a profundidade da mesma.

2. Alguém considerado "charlatão" seria aquele que ministra um tratamento sem possuir conhecimento e capacidade necessários para tanto.

3. É necessário levar em consideração que os/as estudantes de medicina, nas faculdades, recebem uma instrução que não condiz, parcialmente ou na sua totalidade, ao que seria preciso para a preparação para ser um psicanalista. Os alunos aprendem as noções científicas sobre o ser humano (anatomia, biologia, reações químicas) e até sobre a história humana. Porém, há a necessidade de, após a formação acadêmica, buscar sociedades psicanalíticas reconhecidas com credibilidade nacional/internacional, onde possam obter conhecimento mais abrangente e profundo sobre a escola que querem seguir, sem deixar de considerar a importância da junção entre a teoria e a prática, na formação de um bom profissional.

4. Cada escola se fixa mais em determinados critérios que em outros. Ao lado da "psicologia profunda", a do inconsciente, que continuaria a ser peça de resistência, seria preciso ensinar, numa escala tão larga quanto possível, a ciência da vida sexual, familiarizando os alunos com os quadros clínicos da psiquiatria. Por outro lado, o ensino analítico abrangeria ramos de estudo, que as pessoas não relacionam com a prática, tais como a história da civilização, a mitologia, a psicologia das religiões e as críticas literárias. Se o/a analista não for bem orientado/a em todos esses terrenos, permanecerá desamparado/a perante um grande número de fenômenos que lhe serão apresentados na prática futura.

5. Os analistas não médicos que hoje fazem análise são pessoas que receberam instrução superior. A análise, a que todos os frequentadores de um instituto didático devem submeter-se, é o melhor meio de esclarecimento sobre suas aptidões para o exercício de uma profissão que deles exigirá tanto. São necessários cerca de dois anos para formar o analista, sendo ele, então, um estrepante na

profissão, e não um mestre. O que ainda lhe falta deve ser adquirido pelo exercício da análise e pela frequência em sociedades psicanalíticas. Nestas, os jovens membros encontram os mais experientes, e com eles trocam ideias. O trabalho do analista é árduo e exige extrema responsabilidade.

6. Em se tratando da colaboração entre psicanalistas médicos e não médicos se ressalva a questão do diagnóstico. Quando se apresenta um doente que foi diagnosticado como portador de desordem nervosa, é preciso, antes de tudo, adquirir a certeza de que o paciente efetivamente está acometido de tal disfunção, além de ser indispensável confirmar se a terapia analítica é de fato conveniente e eficaz para tratar tal pessoa. Entretanto, a responsabilidade deste diagnóstico não pode ser assumida por outro profissional que não seja um médico. Assim será se, durante o tratamento analítico, aparecem certos sintomas cuja origem possa ser atribuída a uma desordem orgânica, e isto deve ser lembrado por todos, até mesmo por um/a psicanalista médico/a. A principal razão para tal procedimento é que não é fácil fazer um tratamento orgânico e um tratamento psíquico ao mesmo tempo. Além do mais, o estado de transferência pode tornar pouco recomendável um exame físico do paciente pelo analista. Não podemos esquecer que também o analista tem o direito de duvidar de sua própria imparcialidade, estando seu interesse inteiramente orientado para os fatores psíquicos.

7. Por se tratar de uma intervenção ativa, se torna necessário regulamentar as condições pertinentes e aconselháveis para o exercício da análise, para todos, sem exceção, que desejam ser profissionais e estudiosos da psicanálise. É aconselhável a criação de um órgão fiscalizador que possa determinar o que é a análise e como deve a pessoa que adentra os seus domínios de estudo comportar-se e preparar-se em conformidade com os ditames preconizados nas orientações previstas nos escritos de Freud.

## CONCLUSÃO

O objetivo dessa dissertação foi proporcionar um roteiro de ética psicanalítica, contendo compilação e adaptação de textos, retirados de obras literárias e de conteúdo on-line, com os devidos cuidados de citação e parafrazeando no caso de transcrição, como convém à ética. Um que abrangesse de certa maneira, direitos e deveres das partes envolvidas na prática psicanalítica freudiana; visto que tanto analista quanto analisando, como todos seres humanos são passíveis de questionamentos e dúvidas. Quanto aos conteúdos de caráter específico, como o Código de Ética da SPOB, o mesmo é de domínio cartorial, não se tratando de temática que tenha que ser aceita por outras sociedades.

Esse trabalho foi organizado em capítulos com embasamento filosófico, em termos de moral, razão, verdade, dialética, que são a base para que tenhamos uma ética específica e condizente com nossa sociedade e cultura. Entendo que as responsabilidades são altíssimas e que as expectativas da sociedade para com o psicanalista impõem zelo extremado, competência apurada e consciência próxima da perfeição. Se nós, psicanalistas, conseguirmos ser tão éticos quanto possível, certamente o futuro da psicanálise será glorioso. Só depende de nossa postura o crescimento da credibilidade que a todos cumulará de glória e respeito.

Acredito ser válido fazer um estudo comparativo sem pretensões acadêmicas acerca das diversas e divergentes visões sobre o ser humano, tanto para compreendê-lo melhor, quanto para entender as nossas próprias limitações no agir para com os outros e para com nós mesmos. Perspectivas extremamente relevantes auxiliam a compreensão acerca da condição humana, tais como as antropológicas; como a própria psicanálise de Freud que vislumbra o sujeito sendo eternamente influenciado por seu aparelho psíquico; e o cristianismo que prega que o verdadeiro cristão sabe que “esta é a força que vence o mundo: a nossa fé”, assim como sabe que Jesus Cristo, em sua humilde e silenciosa existência, rejeitou tudo aquilo que enche o coração dos seres humanos, quando “humilhou-se a si mesmo até a morte; porém a morte na cruz”.

Toda a descoberta científica transforma o mundo, fazendo com que nunca mais ele seja realmente o mesmo após os avanços da ciência, sendo esses mínimos ou grandiosos. Por vezes, o efeito de uma descoberta é no campo prático.

Entretanto, ela também pode ocorrer no campo teórico, das ideias, na visão que o ser humano tem sobre si mesmo e sobre o universo, e ainda assim acarretar mudanças drásticas em conceitos e noções tão profundamente arraigados na história humana e mundial.

Em se tratando de psicanálise, o efeito da evolução científica tem sido significativo em dois pontos: a prática, com o método analítico, e, além disso, como fonte de informação para a pessoa sobre si mesma.

Mesmo antes, ao comentar o efeito da psicanálise no mundo das ideias, Freud comparou sua descoberta à introdução das teorias de Copérnico e Darwin. Não fomos criados especialmente para reger o mundo, somos uma dentre milhões de espécies que evoluíram. A psicanálise freudiana diz que não somos donos de nossas mentes. Somos dominados por processos mentais inconscientes, desejos, medos, conflitos, fantasias e pulsões, processos cuja existência nem era suspeitada antes da descoberta da psicanálise.

A psicanálise não é tão nova. A novidade, como já ocorrera com a evolução da natureza e em relação ao sistema solar tornaram-se fontes possíveis de prazer e não de mal-estar. Portanto, desejo afirmar que o conhecimento psicanalítico procura transmitir resultado da mesma espécie de ampliação de horizonte, com uma compreensão de teorias fundamentadas nas ciências físicas e biológicas.

Por suas descobertas, permite-nos ter um quadro mais acurado, complexo e acabado da vida mental e comportamental do sujeito, este ser enquanto pessoa. Da mesma forma, sabe-se pela psicanálise que cada pensamento e ação determinam o modo complexo de funcionamento psíquico mais do que podia se imaginar, antes das noções inovadoras de Freud, antes da utilização do método psicanalítico de investigação.

Quais são então, as expectativas futuras da psicanálise? Que áreas ainda não foram exploradas, ou quais correntes estão em discussão entre os ditos psicanalistas? Penso ser arriscado prever perspectivas futuras no campo científico. Nosso horizonte está em constante expansão e os cientistas estão sempre a expandi-lo, isto porque a ciência é um campo de investigação sem fim. Podemos ter em mente que cairíamos em risco, nos envolvendo na tentativa de prever o futuro de algo tão grandioso como a psicanálise. O que podemos afirmar é que ela ultrapassa o campo das doenças mentais, pois tem muito a dizer sobre os aspectos da vida mental, em sua normalidade.

As principais áreas de interesse da psicanálise continuam a ser a prática clínica e a educação psicanalítica, ou seja, a formação de analistas para a prática clínica. Isto posto, percebe-se então a extrema relevância da existência de parâmetros reguladores para a relação psicanalítica entre analista e analisando.

A finalidade dos códigos éticos não é meramente limitar as ações, mas é, dentre outras, reger a conduta dos membros de uma comunidade, seguindo, assim, os princípios de convivência geral, para garantir a integridade de cada sociedade ou grupo e o bem-estar dos indivíduos que a/o constituem. Se o conceito de pessoa moral se aplica apenas ao sujeito enquanto parte de uma coletividade, e a vida e as interações sociais são regidas e/ou influenciadas em graus variados, por regras, normas e leis, então porque ver com maus olhos o fato de cada Sociedade psicanalítica ter o seu próprio código ou estatuto de ética psicanalítico?

A necessidade de cada sociedade ter o seu código próprio é influenciada por alguns fatores, tais como particularidades de cada uma destas, como a linha teórica psicanalítica por ela transmitida e representada (por exemplo, no caso da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil), ou em função de divergências científicas e até mesmo bibliográficas.

Apesar de cada sociedade possuir particularidades próprias, interesses e códigos de conduta próprios, todas elas têm a mesma importância em relação ao estudo e ao entendimento tanto da mente, quanto do comportamento humano. Cada psicanálise é o estudo da história psíquica, da vida de um indivíduo; os princípios, acontecimentos da vida, suas conexões com os outros, das suas causas e consequências psicológicas. O que exige que alguns artigos dos códigos sejam diferentes, em cada sociedade psicanalítica, porém mantendo em cada documento seu objetivo principal que é salvaguardar a integridade e o caráter de analistas e analisandos/as, e determinar parâmetros e critérios fundamentais a serem seguidos em uma boa relação psicanalítica.

A meu ver, seria muito salutar se as diversas sociedades psicanalíticas se unissem em prol da elaboração de um código de ética psicanalítica comum a todas. Entretanto, cada sociedade segue seus próprios preceitos teóricos, e dificilmente abririam mão deles em detrimento de um código único.





## REFERÊNCIAS

**A ÉTICA de Epicuro.** Disponível em <[www.brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-etica-epicuro.html](http://www.brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-etica-epicuro.html)>. Acesso em: 07 março 2016.

**A ÉTICA e a psicanálise.** Disponível em: <<https://sigifreud.wordpress.com/2013/11/13/a-etica-e-a-psicanalise/>>. Acesso em: 30 ago.2016.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando.** São Paulo – SP: Moderna, 1998.

Aristóteles. **Metafísica** – Livros I e II - Ética a Nicomâco – Poética. Obras disponíveis em <<http://pensamentosnomadas.com/obra-completa-de-aristoteles-em-10874>>. Acesso em março de 2016.

BAGGINI, J. **O porco filósofo** – 100 experiências de pensamento para a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida para o português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualização no Brasil, segunda edição, Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1668 páginas.

BIBO, Rodrigo de Aquino. **Os desafios da ética cristã.** Bibotalk, Joinville /SC 2013. Disponível em <http://www.teologiahoje.com.br/2016/01/os-desafios-de-uma-etica-crista.html>. Acessado em 22 de setembro de 2016.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise.** Introdução à psicologia psicanalítica. São Paulo: Imago, 1987.

BUBER, Martim. **Encontro:** fragmentos autobiográficos. Petrópolis: Vozes, 1991. P.60.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo – SP: Ática, 2000. 567 páginas.

**Código de Ética Psicanalítica da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil.** <sup>1</sup> Código de ética aprovado pela AGE da SPOB, em 19 de setembro de 1994 e reformado pela AGE em 16 de maio de 2005.

**Do egoísmo** Disponível no Blog da juventude pós-moderna: a revolução começa aqui. <[www.dissentirecontravir.blogspot.com.br/2013/06/doegoismo.html](http://www.dissentirecontravir.blogspot.com.br/2013/06/doegoismo.html)>. Acesso em: 07 de março de 2016.

D'HONT, J. **Hegel, filósofo de La história viviente.** Buenos Aires: Amorroutu, 1966, p25. Disponível em: <[WWW.bioetica.ufrgs.br](http://WWW.bioetica.ufrgs.br)>. Acesso em: 10 de março 2016.

**Ética profissional,** disponível em: <<http://www.significados.com.br/etica-profissional>>. Acesso em 29 de julho de 2015.

FREUD, S. Edição **Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico** - Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Trad. Themira de Oliveira Brito; Paulo Henrique Britto; Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XIV) (1914)1974.

FREUD, S. (1930 [1929] /1980). **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI.

FORBES, J. **Psicanálise a clínica do real**. Barueri – São Paulo: Manole, 2004.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. Lisboa: Edições 70, 1998. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HESSEN, J. **Filosofia dos valores**. Coimbra: Almedina, 1974.

IANNINI, Gilson. **A razão desde Freud**. Disponível em Portal Ciência & vida <[www.filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/73/a-razao-desde-freud-ao-inventar-a-psicanalise-freud](http://www.filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/73/a-razao-desde-freud-ao-inventar-a-psicanalise-freud)>. Acesso em: 28 set. 2016.

KREMER – MARIETTI, Angèle. **A ética**. São Paulo- SP: Papyrus, 1989.

KATZ, Chaim. **Ética e psicanálise** – uma introdução. Rio de Janeiro – RJ: Graal, 1984.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEVINAS, E. **Difficile liberté: essais sur Le judaïsme**, Paris: Albin Michel, 1963/ Librairie Générale Française, 1984 (Le Livre de Poche), p.201-206. Trecho extraído de *“Aimer la Thora plus que Dieu”*.

LOURENÇO, A. **A vida de Freud**. Coleção Guia da Psicanálise: Freud, volume I. São Paulo: Escala, 2013.

MEDEIROS, Alexsandro. **Henri Bergson: Moral fechada e moral aberta**. Disponível em <<http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/henri-bergson-moral-fechada-e-moral-aberta>>. Acesso em: 22 set. 2016.

MONTEIRO, Edson. **O sorriso da razão** – Uma quase elegia - a verdade. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.

**Moral**, segundo Chauí. Disponível em <[http://www.ivopitz.pro.br/?arquivo=filos\\_moral\\_chau](http://www.ivopitz.pro.br/?arquivo=filos_moral_chau)>. Acesso em: julho 2016.

NUNBERG, HERMAN – **Princípios da psicanálise**, Rio de Janeiro, São Paulo, Livraria Atheneu, 1989. 384 páginas.

**O desejo e a essência da realidade**. Disponível em: <<https://psicosaber.wordpress.com/2009/07/07/o-desejo-e-a-essencia-da-realidade>>. Acesso em: 22 set. 2016.

OLIVEIRA, Dimas. **O homem sem Deus: Nietzsche, Darwin e Freud**. São Paulo SP: Publicações Discovery, sem ano. 80 páginas.

OSBOURNE, Richard. **Freud para principiantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PEDRO, Ana Paula. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. **Kriterion**, Belo Horizonte, número 130, 2014. P. 483-498.

Polígrafo de Ética Profissional Psicanalítica da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, polo do Rio Grande do Sul (SPOB-RS), 2009, 64 páginas. (Autores diversos).

Polígrafo de Psicoterapia Psicanalítica da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, polo do Rio Grande do Sul (SPOB-RS), 2010, 90 páginas. (Autores diversos).

REVISTA especial mente e cérebro memória da psicanálise - S. Freud, número 01, 2º edição, 2009. (Autores diversos).

REVISTA Coleção guias da Psicanálise especial 20 anos – Freud. Volume I Escala São Paulo, SP. (Autores diversos).

REVISTA Superinteressante: O guia da Filosofia: São Paulo: Abril, 2013.

RICOEUR, P. **Soi –même comme um autre**. Paris: Seuil, 1990.

RICOEUR, P. **Ética e moral**. Covilhã: UBI, 2001.

RICOEUR, P. **Étique** Disponível em <http://www.universalis.fr/encyclopedie/ethique/l-intention-ethique/> Acesso em: 10 de agosto de 2015.

RINALDI, D. O inconsciente é ético. **C. da APPOA**, Porto Alegre, n. 104, julho 2002. P. 25-28.

ROUDINESCO, Elizabeth. Freud em dois tempos. Porto Alegre, 2016. **Caderno Zero Hora Doc**. A reportagem no foco. Proa, p. 23, 10 e 11 de setembro de 2016. Entrevista concedida à Gageiro, Ana Maria Gageiro.

ROUDINESCO. **Freud atemporal**. Segunda entrevista dada ao Jornal Zero Hora. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/10/elisabeth-roudinesco-nao-podemos-trabalhar-a-obra-de-freud-como-atemporal-4613156.html>>. Acesso em: maio 2016.

ROSA, M. I. P. D; ROSA, A. C. A Ética na psicanálise. **Akrópolis**, Umuarama: V. 17, n. 1, p. 42, jan./mar. 2009.

SANTOS, Robinson dos. Responsabilidade e consequencialismo na ética de Hans Jonas. **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 24, n. 35, p. 417-433, jul./dez. 2012.

SIQUEIRA, Flávia P. Dias. **O princípio supremo da moralidade no pensamento de I. Kant**. Disponível em <<https://jus.com.br/artigos/29995/o-principio-supremo-da-moralidade-no-pensamento-de-immanuel-kant>>. Acesso em 24 set. 2016

SOBRE Cinco lições de psicanálise: Disponível em:< [www.5 Lições de Psicanálise\\_ um retorno à gênese freudiana.html](http://www.5LiçõesdePsicanálise_umretornoàgêneseFreudiana.html).> Acesso em junho de 2016.

SOBRE Blaise Pascal:

Disponível em <[http://www.hottopos.com.br/vidlib2/blaise\\_pascal2.htm](http://www.hottopos.com.br/vidlib2/blaise_pascal2.htm)>. Acesso em: 30 de agosto de 2016.

SOBRE a crença na ética e na moral:

Disponível em: < [https://portal2013br.wordpress.com/2015/03/06/a-crenca-na-etica-e-na-moral-a-hipocrisia-da-sociedade-e-das-emocoes-condicionadas](https://portal2013br.wordpress.com/2015/03/06/a-crenca-na-etica-e-na-moral-a-hipocrisia-da-sociedade-e-das-emocoes-condicionadas/)>. Acesso em: 20 ago.2006

SOBRE ética profissional:

Disponível em: < [www.significados.com.br/etica-profissional](http://www.significados.com.br/etica-profissional/)>. Acesso em: 24 de março de 2016.

SOBRE Paula Heimann: Disponível em: <<http://febrapsi.org.br/biografias/paula-heimann/>>. Acesso em 10 out. 2016. Também sobre contribuições da autora: **Na era da contratransferência**.

Disponível em:

<[http://www.larpsi.com.br/media/mconnect\\_uploadfiles/c/a/cap\\_01\\_62\\_.pdf](http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_62_.pdf)>. Acesso em 10 out. 2016.

SZASZ, Thomas S. **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1983, 235 páginas.

VALLS, Alvaro L. M. **O que é ética?** Coleção primeiros passos, número 177, Brasília: Brasiliense, 1994.

VALENTE, Nelson. **Mito, sonho e loucura**. São Paulo: Intermedial, 2007.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos**. Teoria, técnica e clínica. Uma abordagem didática. Porto Alegre, São Paulo: Artmed, 1999. 478 páginas.

\_\_\_\_\_. **Psicanálise em perguntas e respostas**. Verdades, mitos e tabus. Porto Alegre, São Paulo: Artmed, 2005. 320 páginas.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário contemporâneo da psicanálise**. Porto Alegre, São Paulo: Artmed, 2001. 459 páginas.

\_\_\_\_\_. **Manual de técnica psicanalítica**. Uma re-visão. Porto Alegre, São Paulo: Artmed, 2004. 471 páginas.

**Watchmen - O Filme** ou **Watchmen – Os Guardiões**. Filme dirigido por Zack Snyder, EUA, 2009.

WEBER, Max. **Política como vocação**, 1919, 35p. Disponível em <[www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/09.08.Weber,A\\_politica.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/09.08.Weber,A_politica.pdf)> . Acesso em: 30 de agosto de 2016.

Wikipédia. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Eudaimonia>>. Acesso em 30 de agosto de 2016.

Wikipédia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia>>. Acesso em: 30 ago.2016.

Wikiquote - Coletânea de citações livres. Disponível em: <[https://pt.wikiquote.org/wiki/Sigmund\\_Freud](https://pt.wikiquote.org/wiki/Sigmund_Freud)>. Acesso em: 29 julho 2015.



## ANEXO

### JURAMENTO DO PSICANALISTA<sup>126</sup>

“Juramos perante todos os poderes do homem e, acima de tudo, perante nossas próprias consciências, fazer dos ensinamentos básicos da psicanálise uma chama sempre viva, que iluminará perenemente os inescrutáveis caminhos que devemos percorrer em busca da verdade, do direito e da fé para com nossos semelhantes. Jamais permitiremos que os poderes que nos foram conferidos, através do conhecimento do psiquismo humano, sirvam para criar privilégios, ou manter o poder de uma minoria, em detrimento da coletividade, e, mesmo assim, faremos o possível para que esta, em seu poder avassalador, não transforme os seres humanos em, apenas, mais uma unidade de força. Tudo faremos para que o homem apareça sob a sua verdadeira imagem protegido pelo inalienável direito de liberdade, fraternidade e amor ao próximo, sentimento que transforma os seres humanos em constelações em um todo e único universo. Nunca nos deixaremos intimidar pela aparente fraqueza da espécie humana e, diante disto, jamais empregaremos o ódio, a vingança, ou a acusação, para aplacarmos, através deles, o nosso próprio medo, covardia ou vergonha. Usaremos sempre da melhor cautela possível, ao analisarmos nossos semelhantes e, antes de estruturarmos a nossa concepção, prometemos viver os dramas que descobrimos para, assim, conscientemente, acharmos os necessários mecanismos que lhes sirvam de defesa para o completo restabelecimento de seu equilíbrio psicossomático. Mesmo nas horas mais difíceis, juramos não transformar esses conhecimentos em situações mercantilizadoras. Muito o contrário, faremos de nossas naturais fraquezas novas forças para continuarmos nosso trabalho de pesquisa do psiquismo humano. Todas as descobertas úteis deverão se transformar em direito comum, com o qual procuraremos moldar a humanidade, não ao sabor de nossas exigências, mas sim na imperiosa norma de nossas naturais necessidades. Criaremos em conjunto, ao lado do respeito para os complicados mistérios da psique humana, sentimentos de desprendimento, igualdade e compreensão. Somente assim despidos de quaisquer melindres condicionadores, caminharemos para nossos verdadeiros destinos,

---

<sup>126</sup> Copiado na íntegra do Polígrafo da SPOB, 2010.



através da história, criando sempre condições para que os sentimentos da caridade possam imperar. Sempre nos conduziremos através dos diálogos e das pesquisas. Nunca nos contentaremos com uma só verdade. E, ao lado das relações humanas que, acima de tudo, criaremos em nosso ambiente, chegaremos à análise científica de todos os traumas que assolam a humanidade, para, assim, dentro do vasto campo da psicanálise, que adotamos por doutrina, tentarmos encontrar as verdadeiras soluções, onde quer que estejamos. De posse delas, sem os limites impostos pelos costumes, pelos partidarismos político-religiosos ou pela moral radicalizadora, prometemos, cause o impacto que causar, usá-la em benefício da espécie humana, numa missão que sabemos árdua, mas que, por isto mesmo, juramos hoje transformá-la em nosso único e idealístico sacerdócio”.